



**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO EGAS MONIZ**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE E CRIMINAL**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS:  
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE JOVENS DELINQUENTES  
E NÃO DELINQUENTES**

Trabalho submetido por  
**Camila Galhispo**  
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense e Criminal

**dezembro de 2019**





**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO EGAS MONIZ**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE E CRIMINAL**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O CONSUMO DE  
SUBSTÂNCIAS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE JOVENS  
DELIQUENTES E NÃO DELINQUENTES**

Trabalho submetido por  
**Camila Galhispo**  
para a obtenção do grau de **Mestre** em Psicologia Forense e Criminal

Trabalho orientado por  
**Prof. Doutora Ana Cristina Pestana Neves**

**dezembro de 2019**



“Um Homem é um Homem e a sua circunstância”

José Ortega y Gasset



## **Dedicatória**

À minha avó Maria Vagíssima.



## **Agradecimentos**

A todos os jovens que aceitaram participar neste estudo, sem eles nada disto teria sido possível, muito obrigada.

À Professora Doutora Cristina Neves, pela ajuda constante e, principalmente, pela paciência, obrigada.

À Doutora Ana Ramires, pelo apoio e colaboração dentro do Centro Educativo, obrigada.

A todos os meus amigos, à Maria e à Joana, pelo apoio incondicional.

Por fim, à minha família, especialmente ao meu irmão que sempre me encorajou a continuar, lembrando-me sempre da importância deste trabalho.



## Resumo

O presente estudo, tem como objetivo comparar o consumo de substâncias entre adolescentes delinquentes e não delinquentes e as suas representações sociais face às mesmas.

Para a concretização deste objetivo foram utilizados quatro instrumentos para a amostra delinvente e cinco para a amostra não delinvente. Foram estes o Questionário de Consumo de Álcool e Drogas (adaptado de Negreiros, 2001), a Escala de Representações Sociais do Consumo de Álcool e Drogas em Adolescentes (Carvalho & Leal, 2006), a Escala Graffar (Graffar, 1956) a Escala de Condutas Antissociais e Delitivas (Formiga, Duarte, Neves & Machado, 2015), este último para triagem da amostra não delinvente e, por fim, um questionário sociodemográfico.

Os dados da amostra delinvente foram recolhidos num Centro Educativo (CE) da região de Lisboa e os da amostra não delinvente num clube de futebol e num grupo de escuteiros da região de Leiria. As amostras foram emparelhadas quanto ao sexo, idade, nacionalidade e classe socioeconómica. A amostra total foi composta por 70 adolescentes do sexo masculino com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos.

Os resultados demonstram que adolescentes com menos informação sobre as substâncias e os seus efeitos e com crenças mais negativas sobre as mesmas apresentam maior prevalência de consumos.

Verifica-se que os jovens delinquentes têm maior prevalência de consumos e com início mais precoce em relação aos jovens não delinquentes. Os jovens delinquentes apresentam menos informação sobre as substâncias e os seus efeitos e crenças mais negativas relativamente às mesmas.

Verifica-se também que o consumo de canábis aliado a níveis mais baixos de informação sobre as substâncias e crenças negativas sobre as mesmas são bons preditores da delinquência.

Este estudo reforça a pertinência de implementar estratégias de intervenção mais eficazes para a prevenção do consumo de substâncias e da delinquência entre os adolescentes.

*Palavras-Chave: Representações Sociais, Consumo de Substâncias, Delinquentes, Adolescentes*



## Abstract

The present study aims to compare substance use among delinquent and non-delinquent adolescents and their social representations regarding these substances. To achieve this goal, four instruments were used for the delinquent sample and five for the non-delinquent sample. These were the Alcohol and Drug Questionnaire (adapted from Negreiros, 2001), the Scale of Social Representations of Alcohol and Drugs in Adolescents (Carvalho and Leal, 2006), the Graffar Scale (Graffar, 1956) and the Antisocial and Criminal Conduct Scale, (Formiga, Duarte, Neves, Machado and Machado, 2015), this last one only for screening the non-delinquent sample and, lastly, a sociodemographic questionnaire.

Data from the delinquent sample were collected from an Educational Centre in the Lisbon region and from the non-delinquent sample from a football club and a group of scouts from the Leiria region. The samples were matched by gender, age, nationality and socioeconomic class. The total sample consisted of 70 adolescents aged from 14 to 19 years.

The results show that adolescents with less information about the substances and their effects and with more negative beliefs about them have a higher prevalence of substance use.

It is found that adolescent offenders have a higher prevalence of substance use and earlier onset than non-delinquent youth. Young delinquents have less information about the substances and their effects and more negative beliefs about them.

It is also found that cannabis use, coupled with lower levels of information about the substances and its effects and negative beliefs about them are good delinquency predictors.

The present study reinforces the relevance of implementing more effective intervention strategies for the prevention of substance use and delinquency among adolescents.

*Keywords: Social Representations, Substances Use, Delinquent, Adolescents*



## Résumé

Cette étude vise à comparer la consommation de substances psychoactives chez les adolescents délinquants et non délinquants et leurs représentations sociales concernant ces substances.

Pour atteindre cet objectif, quatre instruments ont été utilisés pour l'échantillon délinquant et cinq pour l'échantillon non délinquant. Il s'agit du questionnaire sur la consommation d'alcool et de drogues (adapté de Negreiros, 2001), de l'Échelle des représentations sociales de l'alcool et des drogues chez les adolescents (Carvalho & Leal, 2006), l'Échelle de Graffar (Graffar, 1956), l'Échelle des Comportements Antisociaux et Criminels (Formiga, Duarte, Neves et Machado, 2015), ce dernier ayant permis de sélectionner un échantillon de non délinquants et, enfin, un questionnaire sociodémographique.

Les données de l'échantillon délinquant ont été recueillies auprès d'un centre éducatif (CE) de la région de Lisbonne et de l'échantillon non délinquant d'un club de football et d'un groupe de dépisteurs de la région de Leiria. Les échantillons ont été appareillés par le sexe, l'âge, la nationalité et la classe socio-économique. L'échantillon total était composé de 70 adolescents âgés de 14 à 19 ans.

Les résultats montrent que les adolescents qui ont moins d'informations sur les substances et leurs effets et qui ont des croyances plus négatives à leur sujet ont une prévalence de consommation plus élevée.

Il a été constaté que la consommation d'alcool était plus élevée chez les adolescents délinquants que chez les adolescents non délinquants. Les adolescents délinquants ont moins d'informations sur les substances et sur leurs effets négatifs et ont des croyances plus négatives de celles-ci.

La consommation de cannabis, associée à un nombre mineur d'informations sur les substances et à des croyances négatives de celles-ci, sont également de bons prédicteurs de la délinquance.

Cette étude renforce la pertinence de mettre en œuvre des stratégies d'intervention plus efficaces pour la prévention de la toxicomanie et de la délinquance chez les adolescents.

*Mots clé : Consommation de substances, Délinquance, Adolescents, Représentations sociales*



## Índice

Resumo.....	1
Abstract .....	3
Résumé.....	5
Índice.....	7
Índice de Tabelas.....	9
Lista de Abreviaturas .....	11
Introdução.....	13
O Consumo de Substâncias .....	15
O Consumo de Substâncias e o Comportamento Delincente.....	17
As Representações Sociais e o Consumo de Substâncias .....	21
O presente estudo .....	25
Método .....	27
Participantes .....	27
Instrumentos .....	29
Escala de Condutas Antissociais e Delitivas (ECAD) .....	29
Escala da Graffar.....	29
Questionário de Consumo de Álcool e Drogas .....	30
Escala de Representações Sociais do Consumo de Álcool e Drogas em Adolescentes.....	30
Questionário sociodemográfico.....	31
Procedimento.....	31
Resultados .....	33
Análises descritivas.....	33
As Representações Sociais e o Consumo de Substâncias .....	34
O Consumo de Substâncias e a Delinquência .....	36
As Representações Sociais e a Delinquência .....	38
As Representações Sociais, o Consumo de Substâncias e a Delinquência .....	39

Discussão.....	43
Conclusão.....	50
Bibliografia.....	53
Anexos.....	
Anexo A - Protocolo de investigação.....	

## Índice de Tabelas

Tabela 1- Distribuição da idade entre as amostras .....	27
Tabela 2 – Distribuição da nacionalidade entre as amostras .....	28
Tabela 3 – Distribuição da classe socioeconómica entre as amostras .....	28
Tabela 4 – Análises descritivas do questionário do consumo de substâncias .....	34
Tabela 5 – Correlação entre a frequência do consumo ao longo da vida e as pontuações na escala das representações sociais .....	35
Tabela 6 – Precocidade do Consumo de Substâncias .....	38
Tabela 7– Modelos de regressão logística para previsão da delinquência .....	40



## **Lista de Abreviaturas**

CE – Centro Educativo

ECAD - Escala de Condutas Antissociais e Delitivas

SICAD - Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências



## **Introdução**

O abuso de álcool e drogas comporta consequências e custos substanciais, tanto a nível pessoal, como social, sendo a população adolescente a mais suscetível aos seus efeitos nefastos (Zara & Gulotta, 2014; Hawkins, Catalano & Miller, 1992). A adolescência é um período de transição, durante o qual ocorre a passagem da infância para a vida adulta, perceptível através de alterações tanto de carácter biológico, como cognitivo, social e emocional (Zappe, 2010). Consequentemente, encontra-se associada a períodos de vulnerabilidade e incertezas, e, como tal, é-lhe característico um certo grau de comportamentos de experimentação, nomeadamente o consumo de álcool e drogas (Guimarães, 2012). A esta fase da vida está inerente uma aspiração de afirmação, vivida numa dicotomia de individualização e pertença, podendo o consumo de álcool e drogas tornar-se, para o adolescente, uma forma de se afirmar perante os outros (Muller, 1987 cit. em Carvalho, 2003).

A relação do consumo de substâncias com o comportamento delincente tem sido estudada por diversos autores, que consistentemente têm demonstrado que jovens envolvidos em comportamentos de agressão ou episódios de vitimização têm um nível mais elevado de consumos de substâncias, nomeadamente álcool, cânabis e tabaco (Peña, Andreu e Graña, 2009). O consumo de substâncias integra também o grupo de fatores de risco para o comportamento criminal que Andrews e Bonta (2017) designam de “Central Eight”.

As representações sociais são importantes para compreender e explicar a realidade em redor do individuo e têm como uma das fundamentais a de “orientação” e justificação da ação (Abric, 2001). Estas são um conceito análogo ao das atitudes, contudo alguns autores propõem uma relação hierárquica entre estes dois conceitos, situando as representações sociais num nível superior às atitudes, as últimas dependendo das representações sociais (Rouquette, 2005 cit. Wachelke & Camargo, 2007).

Existe uma associação segura e estatisticamente significativa entre as representações sociais face ao consumo de substâncias e o consumo das mesmas, mais especificamente, indivíduos com representações sociais mais positivas face às substâncias relatam níveis superiores de consumo (Monaco e Guimelli, 2008; Dany e Apostolidis, 2002). Igualmente, atitudes e crenças positivas face ao consumo de substâncias psicoativas são preditoras de envolvimento em comportamentos de consumo de drogas (Rocha, 2011). Do mesmo modo, consumidores habituais tendem a ver o

consumo de drogas como um assunto de natureza pessoal, desvalorizando o papel da lei, e consideram o comportamento menos perigoso e menos errado, que os não consumidores (Nucci, Guerra & Lee, 1991).

Concernente à realidade portuguesa, segundo um inquérito realizado em 2015, jovens internados em CE, comparando com jovens não delinquentes, apresentaram atitudes menos negativas relativamente à canábis, considerando que desde que esta seja consumida poucas vezes, não acarreta consequências nefastas (SICAD, 2015).

Considerando que as representações sociais predizem o comportamento e que, por sua vez o consumo de substâncias é apontado na literatura como um fator de risco para o comportamento delincente, então as representações sociais acerca do consumo podem, elas próprias, ter uma associação com o comportamento delincente, sendo esta a questão de investigação subjacente ao presente estudo.

## **O Consumo de Substâncias**

Existem alguns fatores que têm vindo a ser considerados como decisivos para a iniciação dos consumos, nomeadamente fatores escolares (e.g. absentismo escolar), fatores familiares (e.g. práticas parentais desadequadas), fatores de personalidade (e.g. busca de sensações, impulsividade) e o grupo de pares (e.g. amigos violentos) (Peña, Andreu, & Graña, 2009). Negreiros (1983, cit. Carvalho, 2003)), atribui especial importância ao grupo de pares, considerando-o determinante para o entendimento da relação entre os adolescentes e o consumo de álcool e drogas, uma vez que, para além de se constituir como o contexto predominante de iniciação, influencia, também, os níveis relatados de consumo.

Segundo as estimativas do Gabinete das Nações Unidas para as Drogas e o Crime, cerca de 6% da população mundial consome algum tipo de substância ilícita, e cerca de 0,6% padece de um transtorno de uso de substâncias (UNODC, 2018). Em Portugal, cerca de 10% da população geral afirma ter consumido algum tipo de substância ilícita e 85% consumido alguma bebida alcoólica, ao longo da vida (SICAD, 2017).

A substância mais consumida é a canábis, algo condizente com o relatado no resto do mundo (Murray, Morrison, Henquet, & Forti, 2007; Brumback, Castro, Jacobus, & Tapert, 2017; UNODC, 2018; SICAD, 2017).

Diversos estudos comprovaram que o uso regular e abusivo da canábis pode levar ao declínio neuropsicológico em todos os domínios do funcionamento intelectual. No estudo realizado por Meier et al., (2012), foi notória a deterioração neuropsicológica entre os consumidores de canábis cuja iniciação se produziu precocemente na adolescência, sendo que, quanto mais persistente o uso, maior o declínio observado. Mesmo após o término dos consumos, o funcionamento neuropsicológico entre adolescentes consumidores não se demonstrou restaurado na sua totalidade. Explicativo deste facto poderá ser que, uma vez que o cérebro se encontra em desenvolvimento até ao início da adultícia, o consumo de canábis torna-se ainda mais nocivo entre jovens, pois poderá afetar a neuromaturação normativa que ocorre durante o período da adolescência (Brumback et al., 2017).

Vários estudos apontam também para outras consequências associadas ao consumo da canábis, nomeadamente baixo desempenho no contexto académico e/ou laboral (Lynskey & Hall, 2000), desemprego, e baixos rendimentos (Cerdá et al., 2016;

Fergusson, Boden e Horwood, 2008; Henkel, 2011 cit. em Carliner, Brown, Sarvet, & Deborah, 2017).

O consumo de álcool revela-se também ele nocivo, tendo este sido, consistentemente, associado ao aumento do risco de uma pessoa sofrer incidentes e ferimentos físicos (Maio et al., 2000), de espoletar comportamentos agressivos e problemas interpessoais (Sacco, Bright, Jun, & Stapleton, 2016), e ao aumento do risco do indivíduo ocorrer em diversas ofensas criminais (Kuhns, Exum, Clodfelter, & Bottia, 2014).

## **O Consumo de Substâncias e o Comportamento Delinquente**

Tendo em conta os seus efeitos e consequências, a associação do consumo de álcool e drogas com o comportamento criminal não é surpreendente.

Diversos estudos têm demonstrado, consistentemente, uma associação entre o consumo de substâncias na adolescência e o envolvimento em crimes violentos e não violentos para além do período da adolescência, encontrando também um aumento da probabilidade de desenvolver percursos de delinquência persistente e grave na adultícia (Jennings et al., 2016; Loeber, Wei, & Loeber, 2004; Brook, Brook, Rubenstone, Zhang, & Saar, 2011). Apesar do álcool não ser uma substância ilícita, um estudo realizado por Barnes et al. (2002), reafirma pesquisas anteriores que demonstram que o abuso de álcool está fortemente relacionado a outros comportamentos problemáticos, incluindo uso de drogas ilícitas (e.g. marijuana) e delinquência.

O consumo de substâncias integra também o grupo de fatores de risco que Andrews e Bonta (2017) designam de “Central Eight”, ou seja, os oito fatores de risco principais para o comportamento delinquente, sendo estes a (1) história criminal, (2) pares procriminais, (3) atitudes e crenças procriminais, (4) padrão de personalidade antissocial, (5) educação/emprego, (6) contexto familiar, (7) abuso de substâncias e, por fim, (8) lazer/recreação. Nomeadamente, numa meta-análise de 55 estudos realizados entre 1995 e 2014, realizada por Assink et al. (2015), ao analisar os fatores de risco para comportamento delinquente persistente, estes encontraram efeitos significantes em 11 domínios, tendo o “consumo de substâncias” ficado em terceiro com valores relativamente altos, logo após ao fator de “história criminal” e do fator “comportamento agressivo”. Outra meta-análise realizada por Olver, Stockdale e Womith (2014), com uma amostra de 137 931 ofensores, demonstrou que apesar de todos os fatores de risco preverem a reincidência, os que se mostraram mais significativamente relacionados com a mesma foi a “história criminal”, o fator “educação/emprego” e, em seguida, o “abuso de substâncias”.

No mesmo sentido, uma revisão sistemática realizada por Bennett, Holloway e Farrington (2008), ao investigarem a relação entre o uso de drogas e o comportamento criminal, demonstraram que a probabilidade de um indivíduo consumidor de drogas se envolver em atos criminosos era de três a quatro vezes maior comparado com indivíduos não consumidores.

O tipo de droga também parece influenciar o tipo de comportamento criminal cometido. Um estudo realizado por Doherty, Green e Ensminger (2008) observou que o risco de estar envolvido em crimes violentos aumenta quando se transita do consumo de canábis para drogas “mais duras”, como a cocaína, a heroína e as metanfetaminas.

Segundo Bennett et al. (2008), os utilizadores de *crack* e heroína são os indivíduos com maior probabilidade de cometer um delito, seguido dos consumidores de cocaína e, por fim, de marijuana.

A maioria dos jovens internados em Centros Educativos em Portugal afirma já ter consumido substâncias ilícitas ao longo da vida (89%), e 80% e 68% fizeram-no nos últimos 12 meses e últimos 30 dias antes do internamento, respetivamente. Analogamente à população geral, a canábis é a substância privilegiada. Com prevalências inferiores, segue-se a cocaína, o *ecstasy* e as anfetaminas (SICAD, 2017).

Segundo um inquérito sobre comportamentos aditivos em jovens internados em Centros Educativos realizado pelo Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD), a maioria dos jovens encontrava-se sob o efeito de bebidas alcoólicas e/ou de substâncias ilícitas quando cometeu algum dos crimes que conduziram ao seu internamento em CE. Um terço dos jovens considera mesmo que foram os consumos de substâncias que levaram à prática destes crimes. (SICAD, 2015).

Contudo, a associação entre o consumo de substâncias e o envolvimento em condutas criminais é bastante complexa e, como tal, tem inerente vários modelos teóricos explicativos da mesma. Um destes modelos é o “modelo psicofarmacológico”, segundo o qual os efeitos causados pelo consumo de substâncias aumentam a tendência para delinquir, ou seja, o consumo precede o ato criminal (Brownstein, 2016).

Por outro lado, o “modelo da necessidade económica” assume que é a necessidade de sustentar o consumo que leva o indivíduo a cometer o crime (Bennett et al., 2008). Existe ainda o “modelo sistémico” que assenta na premissa que o consumo e tráfico de droga pela sua ilegalidade está inerentemente ligado ao crime, aumentando tanto as oportunidades de consumo como o envolvimento em comportamentos criminosos (Hammersley, Forsyth, Morrison, & Davies, 1989).

Por fim, surge o “modelo das causas comuns”, partindo do pressuposto que o crime e o uso de substâncias compartilham uma ou mais causas em comum, não havendo um relação causal direta, em vez disso, o uso de drogas e o crime coocorrem devido a uma causa comum ou a um conjunto de causas (Seddon, 2000).

Em Portugal, um dos principais estudos sobre esta relação droga-crime e a sua complexidade, foi conduzido por Agra e colaboradores entre 1991 e 1998 no decorrer do projeto “Drogas-Crime: Estudos interdisciplinares”. Estes demonstraram que esta relação drogas-crime não é simples, que o consumo leva à violência, mas é sim um fenómeno que ocorre devido a uma pluralidade de elementos (e.g. psicológicos, ecológicos, sociais, biográficos) (Agra, 2008 cit. Silva, 2012).

Através da investigação das trajetórias desviantes, enfatizaram a importância das diversas configurações da vida desviante, identificando três trajetórias desviantes: o (1) delinquente-toxicodependente, o (2) especialista droga-crime e o (3) toxicodependente/delinquente. Estas tipologias variam relativamente a aspetos como a vinculação familiar, tipo de crime e motivação, a precocidade dos comportamentos desviantes e a idade dos primeiros consumos.

Igualmente, diversos autores enfatizam a importância do fator idade na relação entre o abuso de substâncias e o comportamento delinquente. São diversos os estudos que demonstram que o consumo tem mais impacto em jovens que o iniciam precocemente tornando-os mais propensos a cometer crimes, especialmente não violentos ou crimes relacionados com substâncias (e.g. Kopak, Vartanian, Hoffmann, & Hunt, 2014; Bolger, 2018).



## **As Representações Sociais e o Consumo de Substâncias**

As representações sociais são um conceito bastante difícil de definir e, como tal, têm sido alvo de diversos debates desde a primeira vez que este conceito foi mencionado por Moscovici em 1961. Bergman (1998) considera as representações sociais como disposições comportamentais adquiridas, simultaneamente a outros conceitos sociopsicológicos, como o conceito de valor e o conceito de atitudes.

Segundo Abric (2001), as representações sociais são importantes para compreender e explicar a realidade em redor do indivíduo e têm diversas funções, sendo uma das fundamentais a de “orientação” da conduta e justificação das tomadas de posição e comportamentos. O comportamento é, assim, para a teoria das representações sociais, uma ação refletida (Wagner, 2003).

Para Rouquette (1998) a influência das representações sociais e do comportamento é mútua, ou seja, as representações sociais condicionam a ação e a ação funciona também como agente de transformação das representações.

Outros autores propõem ainda uma relação hierárquica entre estes dois conceitos, situando as representações sociais num nível superior às atitudes, as últimas dependendo das representações sociais (Abric, 2001; Rouquette, 2005 cit. Wachelke & Camargo, 2007).

A teoria das representações sociais é aplicada e estudada em diversos contextos, sendo um deles o consumo de álcool e outras drogas.

Monaco e Guimelli (2008), ao estudar as representações sociais sobre o álcool, demonstraram, numa amostra de 183 estudantes universitários franceses, que os jovens consumidores associavam a palavra “álcool” aos termos de "prazer" e "festa", enquanto os jovens não consumidores associavam o termo a “alcoolismo” e “acidentes”.

Num outro estudo semelhante, mas relativo às representações sociais sobre a canábis, Dany e Apostolidis (2002) denotaram que os indivíduos que consumiam ou haviam consumido canábis no passado, resguardavam esta substância como sendo mais distante do mundo das drogas e não faziam qualquer referência à sua perigosidade. Quanto aos não consumidores, estes detinham representações sociais mais negativas sobre a canábis, enfatizando os seus efeitos negativos.

Vale ainda destacar o facto de os consumidores de canábis incluírem mais o “álcool” no universo de drogas. Uma explicação dada pelos autores é o facto desta atitude "defensiva" servir para mitigar a conotação "negativa" do consumo de canábis na sociedade (Dany & Apostolidis, 2002).

Num estudo realizado apenas com estudantes universitários de psicologia, sobre as representações sociais sobre a droga, demonstrou que os indivíduos com práticas de consumo possuíam uma representação mais positiva, enquanto que as representações dos indivíduos sem práticas de consumo eram mais negativas, associando o objeto das drogas com termos como “morte”, “doença” e “mal-estar” (Galand & Salès-Wuillemin, 2009).

Em consonância, existe também uma associação segura e estatisticamente significativa entre atitudes e crenças face ao consumo de substâncias psicoativas e o comportamento e frequência de consumo das mesmas (Rocha, 2011; Johnston, O’Malley, Bachman, & Schulenberg, 2011).

Mais especificamente, atitudes mais positivas são preditoras de envolvimento em comportamentos de consumo de drogas. Do mesmo modo, consumidores habituais tendem a ver o consumo de drogas como um assunto de natureza pessoal, desvalorizando o papel da lei, e consideram o comportamento menos perigoso e menos errado, que os não consumidores (Nucci, Guerra, & Lee, 1991).

Um estudo realizado por Fisher e colaboradores (2018), com adolescentes do sexto ao oitavo ano de escolaridade, demonstrou que os adolescentes cujas atitudes eram menos desfavoráveis em relação à marijuana apresentaram níveis de consumos significativamente mais elevados da mesma.

Muito recentemente realizou-se um estudo no Reino Unido sobre as atitudes relativas às “drogas inteligentes” (i.e., drogas potenciadoras cognitivas), que se têm vindo a popularizar nos últimos anos em alunos universitários (Champagne, Gardner, & Dommett, 2019). Este estudo demonstrou que, tal como sucede com as substâncias ilícitas tradicionais, atitudes positivas reportadas pelos participantes previam taxas mais elevadas de consumos anteriores e de consumos no futuro. Demonstraram também que atitudes mais positivas estão relacionadas com crenças de que estas drogas não representam risco para a saúde.

Tendo em conta todas as evidências relativamente às consequências nefastas que advêm da utilização da marijuana, não é surpreendente que a legalização da mesma seja um dos assuntos mais polarizadores em debate atualmente (Chadi & Scott, 2018).

Os estudos realizados sobre a possível mudança de atitudes e na perceção de risco na população em geral após a legalização da marijuana têm diferentes resultados, alguns não encontraram qualquer impacto da legalização nas atitudes (e.g. Blevins et al., 2018)

enquanto outros verificaram uma alteração, no sentido de uma menor percepção de risco e atitudes mais positivas (e.g. Cerdá et al., 2017).

Apesar de, em Portugal, a marijuana não ser legal, a aquisição e posse de doses apenas para consumo próprio e o consumo de drogas deixou de ser considerado crime após uma mudança na legislação portuguesa, vulgarmente chamada de Lei da Descriminalização do Consumo (Decreto Lei nº30/2000, de 29 de novembro). Apesar do consumo de substâncias psicoativas ilícitas continuar a ser um ato punível por lei, este constituiu apenas uma contraordenação social (SICAD, 2017). Estudos nacionais espelham o sucesso desta legislação, demonstrando que o consumo de drogas, que se encontrava em ascensão desde 1990, diminuiu pela primeira vez em 2006 e 2007 (SICAD, 2017).

Com esta alteração legislativa, denotou-se uma alteração nas atitudes e representações sociais relativas ao consumo, tendo o objetivo de reduzir o estigma para com um consumidor de droga sido alcançado, começando a deixar de ser visto pela sociedade como um criminoso, mas sim como uma pessoa a necessitar de apoio direcionado ao seu problema de adição (Neto, 2016).

Apesar de ainda não se ter chegado a um modelo único das relações entre comportamentos e representações sociais (Campos, 2003 cit. Wachelke & Camargo, 2007) estas parecem ter um grande impacto no comportamento. Como tal, torna-se crucial conhecer as representações sociais face às diferentes substâncias por parte dos adolescentes, pois são várias as evidências que apontam para o seu impacto no consumo destas substâncias pelos mesmos.



## **O presente estudo**

A importância de conhecer as representações sociais relativas ao álcool e drogas reside no facto de que a representação social face ao álcool e às drogas se poder traduzir no modo como irá decorrer a relação do sujeito com o objeto de representação e, por sua vez, ao aumentar o consumo, aumentar o risco de incidir criminalmente, sendo, precisamente, esta a questão de investigação subjacente ao presente estudo. Ao incidir a atenção nas representações sociais de adolescentes delinquentes e não delinquentes e considerar as possíveis diferenças das mesmas, agir sobre as representações sociais em relação ao consumo poderá funcionar como uma forma de mitigar um fator de risco, e deste modo, diminuir os comportamentos delinquentes.

Portanto, o objetivo geral do presente estudo consiste em comparar as representações sociais relativamente ao consumo de álcool e drogas entre jovens delinquentes e jovens não delinquentes. Mais especificamente, pretende-se:

(1) Estudar a relação entre as representações sociais face ao consumo de substâncias e o consumo efetivo destas substâncias.

Considerando os trabalhos de Dany e Apostolidis (2002), Rocha (2011), Fisher e colaboradores (2018) e (Sanchez, Oliveira, Ribeiro, & Nappo, 2010), espera-se que exista relação entre a quantidade de informação sobre as diversas substâncias e o seu consumo efetivo (H1), que quanto mais negativas forem as crenças associadas aos possíveis efeitos do consumo de substâncias, mais reduzidos serão os consumos efetivos destas substâncias (H2) e que quanto mais desfavoráveis forem as atitudes em relação ao consumo de substâncias, mais reduzidos serão os consumos efetivos destas substâncias (H3).

(2) Estudar relação entre o consumo substâncias e a delinquência.

De acordo com evidências anteriores (e.g., Peña, Andreu e Grana, 2009; Andrews e Bonta, 2017; Assink et al. 2015; Agra, 1997; SICAD, 2015), espera-se que adolescentes com comportamento delinvente apresentem maior prevalência de consumos de substâncias do que adolescentes não delinquentes (H4).

(3) Estudar a relação entre as representações sociais face ao consumo de substâncias e a delinquência.

A verificar-se que os jovens delinquentes apresentam maior prevalência de consumos (SICAD, 2015) espera-se que estes jovens tenham atitudes mais favoráveis em relação ao consumo de substâncias do que adolescentes não delinquentes (H5) e que

adolescentes com comportamento delincente tenham crenças mais positivas relativamente ao consumo de substâncias do que adolescentes não delinquentes (H6).

(4) Explorar e comparar até que ponto as representações sociais face ao consumo de substâncias e o seu consumo efetivo são preditores da delinquência.

## Método

### Participantes

A amostra do presente estudo é não probabilística, recolhida por conveniência, sendo constituída por dois grupos idênticos, cada um com 35 adolescentes, perfazendo assim uma amostra total de 70 jovens.

Um dos grupos consiste numa população delinvente, composta por todos os jovens que se encontravam a cumprir medida de internamento num Centro Educativo da região de Lisboa à data de recolha dos dados. O outro grupo é composto por jovens não delinquentes da população geral.

Todos os participantes são do sexo masculino com idades compreendidas entre os 14 e 19 anos ( $M=16,54$ ,  $DP=1,21$ ) (Tabela 1). Para assegurar que os grupos são análogos ao nível sociodemográfico, todos os participantes do grupo delinvente foram emparelhados com um participante do grupo não delinvente com as mesmas características ao nível das seguintes variáveis: idade, nacionalidade e nível socioeconómico.

Tabela 1- Distribuição da idade entre as amostras

		População			
		Não Delinvente	Delinvente	Total	
Idade	14	N	1	1	2
		%	2,9%	2,9%	2,9%
	15	N	6	6	12
		%	17,1%	17,1%	17,1%
	16	N	10	10	20
		%	28,6%	28,6%	28,6%
	17	N	12	12	24
		%	34,3%	34,3%	34,3%
	18	N	3	3	6
		%	8,6%	8,6%	8,6%
	19	N	3	3	6
		%	8,6%	8,6%	8,6%
Total		N	35	35	70
		%	100%	100%	100%

No que diz respeito à nacionalidade dos participantes, a maioria são de nacionalidade portuguesa (Tabela 2).

*Tabela 2 - Distribuição da nacionalidade entre as amostras*

		População			
		Não Delinquente	Delinquente	Total	
Nacionalidade	Portuguesa	N	32	32	64
		%	91,4%	91,4%	91,4%
	Cabo Verdiana	N	1	1	2
		%	2,9%	2,9%	2,9%
	Guineense	N	1	1	2
		%	2,9%	2,9%	2,9%
	Brasileira	N	1	1	2
		%	2,9%	2,9%	2,9%
Total		N	35	35	70
		%	100%	100%	100%

Relativamente ao nível socioeconómico, a variável foi dividida em cinco classes, sendo a Classe 1 a mais alta e a Classe 5 a mais baixa (Graffar, 1956) A maioria dos participantes, situa-se na Classe 3, ou seja, classe média, seguindo-se a Classe 4 (classe médio-baixa) e depois a Classe 2 (classe médio-alta) (Tabela 3).

*Tabela 3 - Distribuição da classe socioeconómica entre as amostras*

		População			Total
		Não			
		Delinquente	Delinquente		
GRAFFAR	Classe 2	N	1	1	2
		%	2,9%	2,9%	2,9%
	Classe 3	N	27	27	54
		%	77,1%	77,1%	77,1%
	Classe 4	N	7	7	14
		%	20,0%	20,0%	20,0%
Total		N	35	35	70
		%	100%	100%	100%

No que concerne à escolaridade dos jovens, 91% dos jovens a cumprir medida de internamento encontram-se a frequentar entre o 6º e o 9º ano (n=32). Quanto aos jovens da população não delinquente, 63% frequentam o ensino secundário (n=22). A frequentar o ensino superior, existem apenas cinco jovens e são pertencentes à população não delinquente. Por fim, existem três jovens que já abandonaram a escola e se encontram a trabalhar, sendo um deles da amostra delinquente e dois da amostra não delinquente.

## **Instrumentos**

O protocolo para a recolha de dados englobou cinco instrumentos, tendo sido três para constituição da amostra e dois para a realização do estudo sobre as representações sociais e o consumo de substâncias.

### ***Escala de Condutas Antissociais e Delitivas (ECAD)***

A ECAD (Formiga, Duarte, Neves, Machado & Machado, 2015) é uma medida comportamental composta por 40 itens, distribuídos em dois fatores: o fator das condutas antissociais (comportamentos desafiadores da ordem social) e o fator das condutas delitivas (comportamentos de ordem criminal). Tendo em conta que apenas se queria despistar o comportamento delinquente, foi tida em consideração apenas o fator das condutas delitivas.

Para cada um dos itens, os participantes devem indicar, numa escala de Likert de 0 a 9 (0 = Nunca e 9 = Sempre), a frequência do comportamento assinalado.

### ***Escala da Graffar***

A escala da Graffar (1956) permite a avaliação da condição socioeconómica do contexto familiar. Esta é constituída por cinco questões que correspondem aos cinco critérios de avaliação: a profissão do principal cuidador e o seu nível de instrução, as fontes de rendimento familiar, o conforto do alojamento e o aspeto do bairro habitacional.

A cada questão é atribuída uma pontuação de 1 a 5, que corresponde a cada um dos cinco níveis de classificação social, sendo estes o nível 1, o mais alto, o nível 2, médio alto, o nível 3, o médio, o nível 4, o médio baixo e, por fim, o nível mais baixo, o nível 5 (Graffar, 1956).

A pontuação final é calculada a partir da soma dos valores dos itens, obtendo-se, deste modo, o escalão que a família ocupa na sociedade.

O escalão poderá ser a Classe 1, o nível alto, família cuja pontuação se situa entre 5 e 9, a Classe 2, nível médio-alto, pontuação entre 10 e 13, a Classe 3, nível médio, pontuação entre 14 e 17, a Classe 4, nível médio baixo, pontuação entre 18 e 21 e, por fim, a Classe 5, nível abaixo da média, a família cuja pontuação se situa entre 22 e 25 (Graffar, 1956).

### ***Questionário de Consumo de Álcool e Drogas***

As questões deste questionário foram extraídas do Questionário de Consumo de Álcool e Drogas de Negreiros (2001)

O questionário conta com sete questões sobre o consumo dos diversos tipos de substâncias (e.g. cerveja, bebidas destiladas, canábis, ecstasy), e o nível de consumo das mesmas no espaço temporal de “ao longo da vida”, “últimos 12 meses” e “últimos 30 dias”, podendo este variar nas seguintes categorias relativas à frequência do consumo: 0 vezes, 1 ou 2 vezes, 3 a 5 vezes, 6 a 9 vezes, 10 a 19 vezes, 20 a 39 vezes e 40 ou mais vezes. Conta ainda com uma questão sobre a idade do primeiro consumo de cada substância.

### ***Escala de Representações Sociais do Consumo de Álcool e Drogas em Adolescentes***

Para analisar quais as representações sociais dos jovens face ao consumo de substâncias (Carvalho & Leal, 2006). Esta é uma escala de autopreenchimento de tipo Likert. Para cada item da escala, a cotação varia de 1 a 5, em que: 1 significa “discordo totalmente”; 2 significa “discordo”; 3 significa “nem concordo, nem discordo”; 4 significa “concordo”; e 5, “concordo totalmente”.

A escala é composta por três subescalas, a da “Informação” (itens: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16), que pretende avaliar a quantidade e a qualidade de informação que os adolescentes possuíam relativamente aos problemas de dependência física e psíquica que o uso dessas substâncias poderá provocar. A subescala “Atitudes” (itens: 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24), que pretende conhecer qual a intenção comportamental dos jovens em circunstâncias concretas. Por fim, a subescala “Crenças” (itens: 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32), cujo objetivo é conhecer quais os valores subjacentes

à construção da representação social dos jovens sobre as substâncias. Portanto, quanto mais elevada a pontuação obtida nas dimensões, mais elevado o nível de informação, mais favoráveis e permissivas as atitudes dos jovens em relação ao consumo de substâncias e, por fim, um maior número de crenças a respeito dos efeitos positivos associados à ingestão das substâncias referidas.

No presente estudo, a escala apresentou níveis de consistência interna considerados favoráveis, tanto no total ( $\alpha=0,83$ ) como em todas as subescalas (Informação,  $\alpha=0,93$ ; Atitudes,  $\alpha=0,85$ ; Crenças,  $\alpha=0,89$ ).

### ***Questionário sociodemográfico***

Para efeitos de caracterização das amostras, o protocolo terminou com a aplicação de um pequeno questionário sociodemográfico, com as seguintes questões: data de nascimento, nacionalidade, ano de escolaridade que frequentam e religião.

### **Procedimento**

Numa primeira fase, obteve-se a autorização dos autores para utilizar os instrumentos do presente estudo.

Seguidamente, obteve-se autorização das instituições onde se recolheram os dados.

O projeto foi aprovado pela Comissão de Ética da Egas Moniz.

Antes do início da recolha de dados, foram entregues os consentimentos informados, no quais se encontravam informações sobre os objetivos do estudo e também a garantia do anonimato dos participantes e confidencialidade dos dados. Estes foram entregues aos pais ou tutores legais dos participantes menores de idade para que estes autorizassem a participação dos mesmos no estudo e aos jovens, quando estes eram já maiores de idade.

Posteriormente, foram recolhidos os dados referentes aos jovens internados em CE, totalizando 35 jovens. Simultaneamente foram recolhidos os dados da população geral, num clube de futebol e numa associação de escuteiros. Desta última foram recolhidos dados de 119 casos.

Uma vez que o objetivo do estudo foi comparar uma população delinvente com uma população não delinvente, procedeu-se à aplicação da ECAD, para questões de *screening* da amostra normativa visando garantir que nenhum jovem seria delinvente.

Foram admitidos apenas os participantes cuja pontuação fosse 0 nos itens do fator das condutas delitivas, com a exceção dos seguintes itens: “Pertencer a uma turma que arma confusões e se mete em problemas”, “Chegar tarde ao trabalho, à escola ou a um compromisso” e “Usar drogas”.

Após a triagem da amostra da população geral, foram excluídos nove jovens. Dos 110 casos remanescentes foram selecionados os 35 casos que se emparelhavam com os jovens do grupo delincente nos parâmetros idade, nacionalidade e condição socioeconómica.

Procedeu-se à análise dos dados com o programa IBM SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 25.0.

## Resultados

### Análises descritivas

Considerando os resultados da amostra total (Tabela 4), constata-se que a maioria dos jovens já consumiu bebidas alcoólicas ao longo da vida. Quanto ao consumo de bebidas alcoólicas nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, estes são mais reduzidos tendo 37,71% respondido ter consumido zero vezes nos últimos 12 meses e 61,43% nos últimos 30 dias.

O tipo de bebida alcoólica mais consumida entre os jovens nos últimos 30 dias, foi a cerveja, seguida das bebidas destiladas. Relativamente à ingestão compulsiva de álcool, avaliada através do número de vezes que já se tinha embriagado, a maioria revela já se ter embriagado 40 ou mais vezes ao longo da vida. Contudo, nos últimos 12 meses e últimos 30 dias, este número diminui drasticamente, tendo 45,71% respondido que se tinha embriagado 0 vezes no último ano e 67,14% no último mês.

Relativamente à substância ilícita mais consumida, esta foi a canábis, tendo 84,9% dos jovens afirmar ter já consumido, tendo 51,43% ter consumido 40 ou mais vezes ao longo da vida. Com valores significativamente mais reduzidos, surge o Ecstasy, com 38,57% a reportar o seu consumo, embora com bastante menos frequência, tendo apenas 2,86% reportar o seu consumo 40 ou mais vezes. Foram ainda registados consumos significativamente mais reduzidos das seguintes substâncias: LSD, estimulantes, anfetaminas e *speeds* ácidos, outros alucinogénios, cogumelos mágicos, cocaína e heroína, estas duas últimas com consumos residuais.

Relativamente às representações sociais, os jovens revelaram uma pontuação total média de 113,71 ( $DP=11$ ), entre um mínimo de 32 e um máximo de 180 pontos possíveis. Na subescala informação a média foi de 67,59 ( $DP=9,08$ ), entre um mínimo de 16 e um máximo de 80 pontos possíveis. Na subescala das atitudes a média foi de 19,2 ( $DP=6,64$ ), entre um mínimo de 8 e um máximo de 40 pontos possíveis. Por fim, na subescala das crenças a média foi de 23,53 ( $DP=6,67$ ) entre um mínimo de 8 e um máximo de 40 pontos possíveis.

Tabela 4 - Análise descritiva das respostas ao questionário de consumos de substâncias

		0		1 ou 2		3 a 5		6 a 9		10 a 19		20 a 39		40 ou +	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Nº Vezes Tomou	Ao Longo da Vida	6	8.57	4	5.71	2	2.86	3	4.29	2	2.86	13	18.57	40	57.14
Beb. Alcoólicas	Últimos 12 Meses	25	35.71	2	2.86	4	5.71	5	7.14	9	12.86	14	20	11	15.71
	Últimos 30 Dias	43	61.43	5	7.14	10	14.29	4	5.71	5	7.14	1	1.43	1	1.43
Beb. Consumidas	Cerveja	44	62.86	8	11.43	6	8.57	4	5.71	6	8.57	1	1.43	1	1.43
	Vinho	64	91.43	4	5.71	2	2.86	0	0	0	0	0	0	0	0
Últimos 30 Dias	Beb. Destiladas	48	68.57	7	10	6	8.57	4	5.71	4	5.71	0	0	1	1.43
Nº Vezes Ficou Embriagado	Ao Longo da Vida	9	12.86	8	11.43	4	5.71	6	8.57	9	12.86	13	18.57	21	30
	Últimos 12 Meses	32	45.71	7	10	4	5.71	7	10	9	12.86	5	7.14	6	8.57
	Últimos 30 Dias	47	67.14	14	20	6	8.57	1	1.43	1	1.43	1	1.43	0	0
Nº Vezes Consumiu Canábis	Ao Longo da Vida	11	15.71	4	5.71	3	4.29	4	5.71	3	4.29	9	12.86	36	51.43
	Últimos 12 Meses	31	44.29	6	8.57	4	5.71	4	5.71	4	5.71	7	10	14	20
	Últimos 30 Dias	52	74.29	9	12.86	2	2.86	2	2.86	2	2.86	1	1.43	2	2.86
	Estimulantes, Anfetaminas, Speeds	65	92.86	1	1.43	1	1.43	1	1.43	1	1.43	1	1.43	1	1.43
	LSD, ácidos, outros alucinogénios	60	85.71	3	4.29	5	7.14	1	1.43	1	1.43	0	0	0	0
	Crack	70	100	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Quantas Vezes Consumiu	Cocaína	68	97.14	2	2.86	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Heroína	69	98.57	0	0	0	0	0	0	1	1.43	0	0	0	0
	Cogumelos Mágicos	65	92.86	4	5.71	1	1.43	0	0	0	0	0	0	0	0
	Esteroides														
	Anabolizantes	70	100	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Ecstasy	43	61.43	11	15.71	7	10	1	1.43	5	7.14	1	1.43	2	2.86
	Inalantes	70	100	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

## As Representações Sociais e o Consumo de Substâncias

A Tabela 5 mostra as correlações entre a frequência do consumo de substâncias ao longo da vida e a pontuação obtida nas subescalas de representações sociais. Como se pode verificar na Tabela 5, os resultados obtidos permitem-nos afirmar a existência de várias correlações estatisticamente significativas. No que concerne a subescala da informação das representações sociais verificaram-se correlações significativas e negativas com a frequência de consumo de álcool, o número de vezes que se embriagou ao longo da vida, o consumo de canábis, de LSD, ácidos e outros alucinogénios e de ecstasy.

Relativamente à subescala das atitudes, as correlações são positivas, tendo as mais significativas sido as dos consumo de álcool ao longo da vida, no número de vezes que se embriagou ao longo da vida, no consumo de canábis ao longo da vida, no consumo de LSD, ácidos e outros alucinogénios ao longo da vida, e no consumo de ecstasy ao longo da vida. Significando isto que os jovens com um maior consumo de substâncias apresentam atitudes mais positivas em relação ao consumo.

Por fim, no que concerne as crenças dos jovens, verificam-se correlações negativas, sendo as que apresentaram mais significância apenas duas, a do consumo de álcool ao longo da vida e a do consumo de canábis ao longo da vida. Isto é, os jovens que apresentam crenças mais negativas face ao consumo de substâncias tendem a apresentar maior consumo das mesmas. Note-se que a frequência de consumo de heroína e cogumelos mágicos não apresentaram correlações significativas com nenhuma das subescalas de representações sociais.

Tabela 5 – Correlações entre a frequência de consumo ao longo da vida e as pontuações na escala de representações sociais

Frequência do Consumo ao longo da vida/ Representações Sociais	Representações Sociais		
	Informação	Atitudes	Crenças
Consumo Álcool	-,520**	,368**	-,307**
Nº Vezes Embriagado	-,449**	,448**	n.s.
Consumo Canábis	-,350**	,434**	-,341**
Consumo de Estimulantes/Anfetaminas/Speeds	-,278*	n.s.	n.s.
Consumo de LSD/Ácidos/Outros Alucinogénios	-,411**	,360**	n.s.
Consumo de Cocaína	-,266*	,257*	n.s.
Consumo de Ecstasy	-,429**	,345**	n.s.

Nota. \* $p \leq .05$ ; \*\*\* $p \leq .01$ ; correlações de Spearman

Não foram realizadas correlações com o consumo nos últimos 12 meses e 30 dias porque os jovens internados em CE não têm acesso a essas substâncias

## **O Consumo de Substâncias e a Delinquência**

Com o objetivo de perceber se existia uma relação entre a delinquência e o consumo, começou por proceder-se à dicotomização das respostas obtidas no questionário de consumos, ou seja, as repostas com categorias de resposta correspondentes à frequência que variavam entre “0” a “40 ou mais vezes” foram transformadas numa variável dicotómica de “nunca ter consumido” e “alguma vez ter consumido”. Fez-se este procedimento para as variáveis “Quantas vezes tomou bebidas alcoólicas ao longo da vida?”, “Quantas vezes ficou embriagado ao longo da vida?”, “Quantas vezes consumiu canábis ao longo da vida?” e “Quantas vezes consumiu diferentes substâncias e.g. LSD, *crack*, etc.”, cuja associação se analisou em relação à delinquência.

Para analisar esta questão teve-se apenas em conta os consumos ao longo da vida e não os consumos recentes, uma vez que os jovens internados em CE não têm acesso a qualquer substância e quando têm saídas ao exterior são realizados controlos de despiste de consumo de substâncias aquando da sua reentrada no CE.

A relação entre o tipo de substâncias consumidas e a delinquência foi analisada apenas com os casos de jovens que assumiram já ter consumido alguma substância.

Relativamente ao álcool, apenas se encontrou uma associação significativa entre a delinquência e o consumo excessivo de álcool, ou seja, os jovens do CE apresentaram um maior historial de consumo excessivo (97,1% já se embriagaram) em comparação aos jovens da amostra normativa (77,1% já se embriagaram) ( $\chi^2 (1) = 6.248, p = .012$ ).

Relativamente às substâncias ilícitas, analisou-se apenas a substância canábis, pois foi residual o número de jovens da amostra que referiu o consumo de outras substâncias. Encontrou-se uma associação significativa entre a delinquência e consumo de canábis, sendo que os jovens do CE reportaram em maior quantidade (97,1%) já terem consumido alguma vez canábis ao longo da vida, comparado com a amostra normativa (71,4%) ( $\chi^2 (1) = 8.737, p = .003$ ).

Não foi encontrada associação significativa na seguinte pergunta: “Quantas vezes tomou bebidas alcoólicas ao longo da vida?” ( $\chi^2 (1) = 2.917, p = .088$ ).

No que concerne a precocidade do consumo, verificou-se que os jovens delinquentes iniciaram o consumo do álcool e das restantes substâncias mais cedo (tabela 6).

Verificaram-se diferenças significativas relativamente ao consumo de cerveja ( $\chi^2 (7) = 48.673, p = .000$ ), de vinho ( $\chi^2 (6) = 19.460, p = .003$ ), de bebidas destiladas ( $\chi^2 (6) = 50.748, p = .000$ ), de cigarros diariamente ( $\chi^2 (6) = 34.329, p = .000$ ), de canábis/haxixe ( $\chi^2 (7) = 40.340, p = .000$ ), de LSD ou outros alucinogénios ( $\chi^2 (4) = 10.000, p = .040$ ) e de ecstasy ( $\chi^2 (5) = 14.211, p = .014$ ).

Para as substâncias cocaína ( $\chi^2 (1) = 2.000, p = .157$ ) e tranquilizantes/sedativos ( $\chi^2 (3) = 4.242, p = .236$ ) não se encontraram resultados significativos. Para substâncias como heroína e estimulantes e anfetaminas não foi possível realizar análises dado o reduzido número de jovens que tinham consumido as mesmas.

*Tabela 6 - Precocidade do consumo de substâncias*

Idade Início de Consumo/ Substância			Cerveja	Vinho	Beb. Destiladas	Fumar Cigarros Diariamente	Canábis/ Haxixe	Ecstasy	LDS e outros
Nunca	Delinq.	N	3	14	1	8	2	20	27
		%	8.6	40	2.9	22.9	5.7	57.1	77.1
	Não-Delinq.	N	5	25	9	26	14	28	31
		%	14.3	71.4	25.7	74.3	40	80	88.6
11 ou Menos	Delinq.	N	14	4	11	8	9	0	1
		%	40	11.4	31.4	22.9	25.7	0	2.9
	Não-Delinq.	N	0	1	0	0	0	0	0
		%	0	2.9	0	0	0	0	0
12	Delinq.	N	6	8	7	5	7	0	1
		%	17.1	22.9	20	14.3	20	0	2.9
	Não-Delinq.	N	0	0	0	0	0	0	0
		%	0	0	0	0	0	0	0
13	Delinq.	N	5	1	9	6	8	5	4
		%	14.3	2.9	25.7	17.1	22.9	14.3	11.4
	Não-Delinq.	N	0	0	0	0	0	0	0
		%	0	0	0	0	0	0	0
14	Delinq.	N	5	7	6	4	5	5	2
		%	14.3	20	17.1	11.4	14.3	14.3	5.7
	Não-Delinq.	N	7	2	4	1	1	0	0
		%	20	5.7	11.4	2.9	2.9	0	0
15	Delinq.	N	0	1	0	4	3	2	0
		%	0	2.9	0	11.4	8.6	5.7	0
	Não-Delinq.	N	14	6	13	4	6	1	1
		%	40	17.1	37.1	11.4	17.1	2.9	2.9
16	Delinq.	N	1	0	1	0	1	3	0
		%	2.9	0	2.9	0	2.9	8.6	0
	Não-Delinq.	N	9	1	9	4	12	2	3
		%	25.7	2.9	25.7	11.4	34.3	5.7	8.6
17 ou Mais	Delinq.	N	0	0	0	0	0	0	1
		%	0	0	0	0	0	0	2.9
	Não-Delinq.	N	1	0	0	0	2	4	0
		%	2.9	0	0	0	5.7	11.4	0

### **As Representações Sociais e a Delinquência**

Com a finalidade de observar se existe relação entre a delinquência e as representações sociais face ao consumo de substâncias, fez-se uma comparação das

médias obtidas em cada uma das subescalas de representações sociais entre delinquentes e não delinquentes.

Verificou-se, que existem diferenças significativas no que concerne às informações sobre o álcool e substâncias ilícitas ( $t(68) = 3.083; p=.003$ ). Os jovens delinquentes apresentaram médias inferiores na subescala informação ( $M= 64.429; DP= 10.389$ ) comparativamente com os jovens não delinquentes ( $M= 70,743; DP= 6,237$ ).

Manifestou-se, também, uma diferença significativa relativamente às crenças dos jovens sobre o álcool e substâncias ilícitas entre jovens delinquentes e não delinquentes ( $t(68) = 3.275; p=.002$ ). Os jovens delinquentes apresentaram médias inferiores no nível das crenças ( $M= 21.086; DP= 6.373$ ) comparativamente aos jovens não delinquentes ( $M= 25.971; DP= 6.104$ ).

Por fim, no que concerne a subescala das atitudes, não foram encontradas diferenças significativas entre as duas amostras, ( $t(68) = -1.155; p=.252$ ).

### **As Representações Sociais, o Consumo de Substâncias e a Delinquência**

Para verificar até que ponto as pontuações obtidas nas subescalas das representações sociais face às substâncias e o consumo são preditoras da ocorrência da delinquência (i.e., da pertença ao grupo de jovens delinquentes), procedeu-se a análises de regressão logística.

Realizaram-se três modelos de regressão logística (Tabela 7), tendo-se acrescentado às pontuações das representações sociais duas variáveis separadamente: o consumo excessivo de álcool e o consumo de canábis. Não foi realizado um modelo com o consumo de álcool como preditor, uma vez que esta não apresentou muita variação, pois a maioria dos jovens já tinha consumido álcool.

Como se pode observar, verifica-se que cerca de 26,3% (Pseudo  $R^2=0,263$ ) da variação da delinquência é explicada pelo modelo que inclui apenas as três subescalas das representações sociais, a informação, as atitudes e as crenças. Este modelo é estatisticamente significativo ( $\chi^2(3) = 15.351, p = .002$ ) e classifica corretamente, em média, 70% dos casos. Analisando cada um dos preditores neste modelo verifica-se que apenas a variável “crenças” ( $p = 0,021$ ) tem uma contribuição significativa na previsão da delinquência, sendo no caso da presença crenças mais positivas (*Odds Ratio* = 0,898; 95% C.I. 0,820-0,984) existe uma diminuição no índice de possibilidade de ser delincente.

Quando a este modelo se acrescenta como preditor a consumo excessivo de álcool verifica-se que a qualidade do modelo aumenta e que cerca de 31% (Pseudo  $R^2=0,311$ ) da variação da delinquência é explicada pelo mesmo, classificando corretamente 70% dos casos. Este modelo é estatisticamente significativo ( $\chi^2 (4) = 18.582, p = .001$ ), sendo novamente o preditor “crenças” ( $p = 0,042$ ) o único com contribuição significativa na previsão da delinquência, a presença de crenças mais positivas (*Odds Ratio* = 0,908; 95% C.I. 0,827-0,997) diminuiu o índice de possibilidade de ser delinquente.

Por fim, acrescentou-se ao modelo o preditor “consumo de canábis”, verificando-se que o modelo que inclui as três subescalas das representações sociais e o consumo de canábis é o modelo com melhor qualidade preditiva, explicando cerca de 38% da variância (Pseudo  $R^2=0,379$ ), classificando corretamente 71% dos casos. Este modelo é estatisticamente significativo ( $\chi^2 (3)=23,395, p=0,002$ ) e analisando cada um dos preditores deste modelo verifica-se que ao juntar a variável do consumo de canábis, para além da variável crenças ( $p=0,029$ ) também a variável “informação” ( $p=0,044$ ) e o próprio “consumo de canábis” ( $p=0,017$ ) são preditores significativos de ser delinquente. Existe uma diminuição nos índices de possibilidade de ser delinquente na presença de mais informação relativa às substâncias (*Odds Ratio* = 0,927; 95% C.I. 0,861-0,998) e de crenças mais positivas relativamente aos efeitos das substâncias (*Odds Ratio* = 0,895; 95% C.I. 0,809-0,989). Relativamente ao consumo de canábis (*Odds Ratio* = 26,335; 95% C.I. 1,-0,998), verifica-se um aumento nos índices de possibilidade de ser delinquente aquando o consumo.

Tabela 7 - Modelos de regressão logística para previsão da delinquência

	B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)	95% C.I.for	
							Lower	Upper
1 Informação	-0,066	0,036	3,413	1	0,065	0,936	0,873	1,004
Atitudes	-0,016	0,046	0,124	1	0,724	1,016	0,929	1,111
Crenças	-0,108	0,047	5,344	1	0,021	0,898	0,820	0,984
Constante	6,681	2,876	5,396	1	0,020	797,199		
2 Informação	-0,069	0,036	3,652	1	0,056	0,933	0,87	1,002
Atitudes	-0,029	0,053	0,310	1	0,578	0,971	0,876	1,077
Crenças	-0,097	0,048	4,118	1	0,042	0,908	0,827	0,997

Resultados

	Consumo Excessivo Álcool	2,115	1,314	2,590	1	0,108	8,29	0,631	108,968
	Constante	5,599	3,034	3,405	1	0,065	270,191		
3	Informação	-0,076	0,038	4,066	1	0,044	0,927	0,861	0,998
	Atitudes	-0,073	0,058	1,561	1	0,212	0,930	0,830	1,042
	Crenças	-0,111	0,051	4,752	1	0,029	0,895	0,809	0,989
	Consumo Canábis	3,271	1,373	5,679	1	0,017	26,335	1,787	388,059
	Constante	6,271	3,184	3,880	1	0,049	529,061		

Consumo Excessivo de Álcool e Consumo de Canábis em dummy.

Notas:

Modelo: -2 Log likelihood = 81,690;  $X^2$  (3) = 15,351, p=0,002; Pseudo R<sup>2</sup>=0,263

Modelo: -2 Log likelihood = 78,458;  $X^2$  (4) = 18,582, p=0,001; Pseudo R<sup>2</sup>=0,311

Modelo: -2 Log likelihood = 73,646;  $X^2$  (4) = 23,395, p=0,000; Pseudo R<sup>2</sup>=0,379



## **Discussão**

As representações sociais, o consumo de drogas, e o comportamento delinquente têm sido amplamente estudados por diversos autores, assim como a sua relação entre si (e.g. Andrews & Bonta, 2017; Dany e Apostolidis, 2002; Agra e colaboradores, 1991). Foi precisamente este o foco do presente estudo.

Num primeiro momento foram realizadas algumas análises descritivas, focando-se estas especialmente no questionário dos consumos, explorando-se assim os hábitos de consumo dos jovens.

Verificou-se que a maioria dos jovens declara já ter consumido pelo menos uma vez alguma bebida alcoólica (91%), sendo a bebida de eleição a cerveja. Estes dados vão ao encontro do reportado num estudo sobre hábitos de consumo dos jovens portugueses, onde é referido que aos 17 anos 89,1% dos jovens do sexo masculino já consumiram alguma bebida alcoólica ao longo da vida, sendo a bebida mais consumida a cerveja (SICAD, 2015).

Relativamente ao consumo de substâncias ilícitas, cerca de 85% dos jovens revela ter consumido canábis ao longo da vida, sendo esta a substância transversal a todo o consumo de outras substâncias ilícitas. A predominância absoluta da canábis é congruente com inquéritos realizados tanto nacionalmente, como internacionalmente, sendo transversal aos jovens quer em contexto livre quer em contexto de internamento (SICAD, 2017; UNODC, 2018).

Quanto às restantes substâncias ilícitas consumidas pelos jovens, a que mais se destaca, apesar de uma prevalência muito mais reduzida que a canábis, é o ecstasy, com 39% dos jovens a relatarem já terem consumido. Contudo, este dado não é consonante com o relatório anual elaborado pelo SICAD (2017), uma vez que nesse o ecstasy é referido como a terceira droga mais consumida, sendo, a cocaína a segunda. Algo que contrasta bastante com o presente estudo, uma vez que da amostra total, apenas cerca de 3% afirmou já ter consumido alguma vez cocaína.

Não desvalorizando a relevância dos consumos de outras substâncias ilícitas para além da canábis, vale ressaltar que os consumos dessas substâncias apresentam uma prevalência de consumo significativamente mais reduzida e com valores aproximados entre si (SICAD, 2017), refletindo-se isto mesmo no relatado no presente estudo.

O primeiro objetivo da investigação focou-se no estudo da relação entre as representações sociais face ao consumo de substâncias e o consumo efetivo destas substâncias.

As representações sociais são um conceito complexo, sendo importantes tanto para compreender, como para explicar a realidade, funcionando como orientador do comportamento (Abric, 2001). No instrumento utilizado o conceito foi operacionalizado através da sua divisão em três subescalas, a da informação, a das crenças e a das atitudes.

Relativamente à subescala da informação, através da análise das correlações, apurou-se que o nível de informação estava significativamente relacionado com o consumo, sendo esta relação negativa, ou seja, os jovens com consumos mais elevados revelaram ter menos informação em relação às diversas substâncias.

O facto da informação operar como fator de proteção para o consumo é corroborada por vários autores, nomeadamente Sanchez et al. (2010), que concluiu que a informação sobre as drogas e sobre as implicações do seu uso funciona como fator relevante para o não consumo das mesmas entre adolescentes em situações de risco. Confirmou-se, deste modo, a primeira hipótese do estudo, ou seja, existe, de facto, uma relação entre a quantidade de informação sobre as substâncias e o seu consumo efetivo, sendo que o ter mais informação demonstrou-se associado a uma menor prevalência de consumos de substâncias.

Ainda inserida no primeiro objetivo, surge a segunda hipótese do estudo proclamando que quanto mais negativas forem as crenças associadas aos possíveis efeitos do consumo de substâncias, mais reduzidos serão os consumos efetivos destas substâncias.

Esta hipótese foi rejeitada, uma vez que segundo os resultados obtidos se verificou exatamente o contrário, ou seja, os jovens não consumidores apresentaram crenças mais positivas relativamente ao consumo de substâncias comparando com os jovens que já haviam consumido.

Estes resultados, apesar de não irem ao encontro da literatura existente, que afirma que crenças positivas estão associada a um consumo mais prevalente (e.g, Champagne, Gardner, & Dommett, 2019; Rocha, 2011), é semelhante ao resultado do estudo de Carvalho (2003) onde foi criada esta mesma escala das representações sociais.

No estudo de Carvalho (2003) transpareceram crenças predominantemente positivas relativamente aos efeitos do álcool e das drogas, por exemplo, para relaxar e acalmar os nervos e para ser aceite pelos outros, principalmente em jovens não consumidores.

Estes resultados poderão ser explicados por um distanciamento maior que os jovens não consumidores têm em relação às diversas substâncias e serem mais influenciados por mensagens exteriores sobre as drogas, e, uma vez que não têm qualquer prática de consumo poderão nunca ter lidado com consequências negativas derivadas do consumo (má experiência). Poderá, também, especular-se que esteja relacionado com o facto de os jovens internados em CE estarem mais expostos a programas de prevenção e consciencialização sobre o álcool e drogas e, deste modo, terem alterado as suas crenças sobre as mesmas. Contudo, independentemente da razão para se verificar este resultado, este grupo de não consumidores e que dispõem de crenças positivas não deverá ser ignorado, uma vez que a partir do momento em que se consagre um consumo e a este se siga um efeito positivo, poderão ter tendência a atribuir a causa desse efeito ao consumo de substâncias, o que poderá ter implicações futuras nos seus padrões de consumo.

Quanto à última hipótese concernente ao primeiro objetivo: quanto mais desfavoráveis as atitudes em relação ao consumo de substâncias, mais reduzidos serão os consumos efetivos destas substâncias. Esta hipótese foi confirmada, ou seja, os jovens com um maior consumo de substâncias apresentam atitudes mais positivas em relação ao consumo. Este resultado é congruente com o reportado na literatura e esta associação tem sido vastamente documentada ao longo das últimas décadas sendo transversal às diversas substâncias ilícitas, desde as tradicionais, às chamadas “novas drogas” (e.g. Nucci, Guerra, & Lee, 1991; Fisher & colaboradores, 2018).

Do segundo objetivo do estudo - estudar relação entre o consumo substâncias e a delinquência - deriva a quarta hipótese: adolescentes com comportamento delinvente têm maior prevalência de consumos anteriores de substâncias do que adolescentes não delinquentes.

Esta hipótese foi corroborada, indo ao encontro dos resultados dos estudos mais importantes realizados sobre esta temática, tanto a nível mundial como a nível nacional, nomeadamente nos estudos de Andrews e Bonta (2017) e Agra (1997 cit. Silva, 2012). A existência desta relação entre os jovens com comportamento desviante e o consumo mais prevalente não é surpreendente e são vários os estudos para além dos acima citados que enfatizam esta relação entre o comportamento delinvente e o consumo de substâncias (e.g. Kuhns, Exum, Clodfelter, & Bottia, 2014; Jennings et al., 2016).

É, contudo, de destacar que os dados da amostra não delinvente foram recolhidos na sua maioria, por questões de conveniência, num clube desportivo e numa associação de escuteiros. Tendo em conta que estes jovens se encontram ligados a estilos de vida

saudáveis e inseridos em atividades estruturadas, poderá fazer com que estes resultados não sejam aplicáveis à restante população adolescente, pois são vários os estudos apontam para o facto de jovens participantes em atividades estruturadas tenderem a ter níveis de consumos de substâncias mais reduzidos (e.g. Lisha & Sussman, 2010).

Os jovens do CE demonstraram, para além de consumos mais prevalentes, consumos mais precoces, começando, a maioria, a consumir tanto álcool como canábis antes dos 14 anos de idade. Esta questão torna-se especialmente importante considerando que são vários os estudos que advertem para os efeitos particularmente nocivos destas drogas quando tomadas precocemente, nomeadamente declínio neuropsicológico e maior propensão para cometer crimes relacionados com substâncias (Kopak, Vartanian, Hoffmann, & Hunt, 2014; Bolger, 2018; Meier et al., 2012). Este resultado é especialmente revelador, pois segundo um inquérito realizado pelo SICAD, um terço dos jovens internados em CE consideraram que foram os consumos de substâncias a causa da prática dos crimes que os conduziram ao internamento e a maioria afirma estar sob efeito de alguma substância aquando o cometimento de crimes (SICAD, 2015). É, deste modo, revelador o impacto direto que o consumo de substâncias tem no ato criminal e como este é uma das consequências mais impactantes.

Quanto ao terceiro objetivo, este consistiu na análise da relação entre as representações sociais face ao consumo de substâncias e a delinquência. Verificaram-se, novamente, diferenças entre as duas amostras, tendo os jovens não delinquentes cotações mais elevadas nas subescalas da informação e das crenças, e cotação inferior na subescala das atitudes, apesar de nesta última a diferença não ter sido estatisticamente significativa.

Confirma-se, deste modo, a quinta hipótese do estudo, que adolescentes com comportamento delinvente têm atitudes mais favoráveis em relação ao consumo de substâncias do que adolescentes não delinquentes, apesar da diferença não ter sido estatisticamente significativa. O facto de as atitudes não apresentarem diferenças significativas pode ser atribuída ao sucesso das intervenções a que os jovens estão sujeitos no contexto de CE, servindo estas para atenuar as atitudes favoráveis relativamente ao consumo de substâncias, podendo-se especular que estas seriam mais vincadas previamente.

Embora a diferença entre as amostras não ser significativa, o resultado vai ao encontro dos dados presentes no relatório realizado pela SICAD em 2015, realizado nos CE de Portugal, que revelou que os jovens delinquentes apresentavam atitudes mais

tolerantes perante o consumo. Contudo, neste mesmo relatório, revela que os jovens do CE apresentavam crenças mais positivas relativamente ao consumo, algo que não se comprovou no presente estudo, rejeitando, deste modo, a sexta hipótese do estudo, que adolescentes com comportamento delinvente têm crenças mais positivas relativas ao consumo de substâncias do que adolescentes não delinquentes.

Um fator que poderá ser explicativo desta questão é a possibilidade de os jovens delinquentes, por terem, na sua maioria, já ter tido contacto com várias substâncias que tenham crenças mais negativas talvez por más experiências tidas sob influência das mesmas ou por consequências nefastas que tenham experienciado, nomeadamente o facto de estarem internados num CE. Esta última suposição é sustentada pelo facto de, como acima referido, um terço dos jovens internados ter afirmado que foi o consumo de substâncias que os levou à prática do crime que resultou no seu internamento.

Por fim, o último objetivo consistia em explorar e comparar até que ponto as representações sociais face ao consumo de substâncias e o seu consumo efetivo são preditores da delinquência.

Numa primeira fase, verificou-se que, independentemente de qualquer consumo efetivo de alguma substância, o possuir crenças mais negativas (menos favoráveis) sobre os efeitos das substâncias é preditor de ser delinvente. Igualmente, quando foi acrescentado o consumo excessivo de álcool às representações sociais o mesmo efeito se manteve e apenas as crenças se mantiveram como um preditor significativo. Este resultado sugere, então, que alguns componentes das representações sociais, neste caso as crenças, poderão funcionar como preditores independentes da delinquência, independentes do consumo efetivo. Novamente, as crenças vão ao invés do que seria expectável, uma vez que seria de esperar que crenças negativas relativamente aos efeitos do consumo de substâncias fossem um preditor da não delinquência e não o contrário.

Posteriormente, quando o consumo de canábis foi aliado às representações sociais como variável preditor da delinquência, verificou-se que tanto dispor de crenças mais negativas relativamente aos efeitos das substâncias, como dispor de menos informação sobre as essas mesmas substâncias e também o consumo efetivo de canábis demonstraram ser bons preditores para ser delinvente. A possibilidade da existência de crenças previamente positivas que foram alteradas, talvez por intervenções terapêuticas dentro do CE, ou por consequências negativas associadas ao consumo, durante o mesmo, ou que advieram desse consumo, como acima mencionado, poderá ser explicativo do porquê de a delinquência ser predita pelo consumo apesar das crenças negativas que dispõem no

presente. Através desta análise não foi possível dissecar possíveis alterações das crenças ao longo do tempo, não sendo possível perceber a sequência de eventos antes da ocorrência da delinquência e entrada no CE, podendo-se, neste caso apenas especular.

Relativamente à informação, o facto de ter menos informação sobre as drogas ser um dos preditores da delinquência é o expectável, pois o facto de possuir menos informação sobre as consequências negativas do consumo de substâncias tende a levar ao seu consumo (Sanchez et al., 2010), e por sua vez, o consumo tende a estar associado à delinquência.

Conclui-se, deste modo, que não só é importante o consumo efetivo, mas é também importante o que os jovens pensam e sabem sobre as substâncias para a previsão da delinquência.

Este resultado vai ao encontro da literatura existente, no sentido que as representações sociais estão relacionadas com o comportamento (Campos, 2003 cit. Wachelke & Camargo, 2007) e que o consumo de substâncias está relacionado com o comportamento delincente (e.g. Jennings et al., 2016; Loeber, Wei, & Loeber, 2004). Verifica-se também que, para além do consumo de canábis ser preditor da delinquência, que alguns componentes das representações sociais, neste caso a componente informação e a componente crenças também o são e que poderão ser preditores independentes, como se pode observar nos modelos testados.

Destaca-se que as atitudes não obtiveram valores significativos em nenhum modelo. Apesar de as atitudes desfavoráveis relativas ao consumo de substâncias estar relacionada com a delinquência, o seu valor preditivo não se demonstrou significativo quando incluído num modelo com os outros preditores em estudo.

Poderá especular-se que esta questão surge pelo facto de no contexto português todas as substâncias ilícitas terem sido descriminalizadas, e por isso as atitudes relativas às mesmas não serem tão negativas. Igualmente, tem-se observado uma crescente de legalização da canábis em vários países, especialmente nos Estados Unidos da América, e tendo em conta o seu impacto cultural nos países europeus não é surpreendente que o consumo da canábis se tenha tornado cada vez menos perscrutado. Contudo, vale ressaltar que alguns estudos realizados terem resultados contraditórios sobre o impacto da legalização nas atitudes, alguns afirmando não se observar qualquer alteração, enquanto outros afirmam o contrário (e.g. Blevins et al., 2018; Cerdá et al., 2017).

Verifica-se, porém, que um modelo que tem em conta as representações sociais, por si só, é um modelo eficaz na previsão da delinquência e que quando lhe é acrescentada a variável do consumo excessivo de álcool este não se destaca como um preditor significativo e continua a não ser suficiente para pôr em causa as crenças. Por sua vez, quando, em vez do consumo excessivo de álcool, é acrescentado o consumo de canábis, este já é um preditor significativo e do ponto de vista das representações sociais não só as crenças são relevantes, como também o é a informação. Verifica-se assim que este último modelo, com as representações sociais e com o consumo de canábis, é um modelo muito mais completo.

Deste modo, conclui-se que que na esfera dos consumos, o consumo de canábis é o fator de risco mais preocupante e que mais se destaca na predição da delinquência. Esta evidência comporta várias implicações, principalmente tendo em conta que atualmente o consumo de canábis tende a ser desvalorizado, banalizado e resguardado como despojado de consequências negativas. O consumo de canábis deve ser um fator a ter em conta aquando a prevenção e a intervenção, pois apesar das representações sociais face às substâncias também serem um preditor a ter em consideração, o consumo efetivo de canábis apresentou valores preditivos mais elevados.

## Conclusão

O consumo de substâncias é um assunto prevalente na sociedade atual, constituindo um problema que afeta todos os estratos da população mundial, desde as populações mais jovens às mais adultas (UNODC, 2018).

Como tal, tem sido amplamente estudada, sendo abordada neste estudo em associação às representações sociais face às substâncias e em associação ao comportamento delincente, centrando-se, no presente estudo, na população adolescente.

O presente estudo apresenta-se como uma mais valia, uma vez que é um estudo comparativo cujas amostras, delincente e não delincente, estão bastante equilibradas nos vários fatores que poderiam influenciar as experiências relativamente ao consumo de substâncias e as representações sociais sobre as mesmas.

O estudo apresenta, contudo, algumas limitações, nomeadamente no que concerne à dimensão amostra. A amostra é reduzida com apenas 35 jovens em cada grupo, ou seja, 70 no total. Esta questão é algo que poderá ser melhorado em estudos futuros, sugerindo-se a extensão desta investigação a todos os centros educativos do país.

Apresenta-se também a limitação da população delincente se encontrar internada e sem contacto regular com o exterior. Um estudo futuro beneficiaria então de poder aceder aos consumos recentes dos jovens delinquentes sem estes se encontrarem num ambiente tão contido com um CE, ficando, deste modo, as duas amostras em ambiente livre e por isso em igualdade de circunstâncias relativamente à oportunidade de consumo.

Relativamente à amostra da população não delincente, sugere-se que futuramente se proceda ao aumento da heterogeneidade da mesma, recolhendo dados em locais com uma população jovem mais diversa (e.g. escolas), onde os jovens têm uma experiência de vida mais variada, ao invés do que acontece em grupos desportivos e de escuteiros.

Seria, então, interessante a replicação deste mesmo estudo com uma amostra maior, com uma extensão de idades mais alargada e com uma maior representatividade da população geral.

Uma outra limitação do estudo, tem que ver como a recolha dos dados via questionários. As respostas poderão sofrer da influência do fenómeno de desejabilidade social, mesmo tendo sido assegurado o anonimato e a confidencialidade dos dados. Os jovens poderão ter-se coibido de reportar toda a extensão dos consumos com medo de que os dados fossem revelados, no caso da população delincente, aos técnicos tutores ou pais e, no caso da população não delincente, aos treinadores, pais, chefes etc.

Apesar das limitações acima expostas, o presente estudo revela-se de grande utilidade na análise dos consumos e das representações sociais sobre o álcool e as drogas, apresentando várias implicações práticas.

Este incita à reflexão sobre em que idade se deverá iniciar a consciencialização para as diversas substâncias, uma vez se ter observado inícios do consumo tão precoces como aos 11 anos ou antes. Através dos resultados observados fica subjacente a importância de iniciar os programas de prevenção ainda na pré-adolescência, antes do primeiro contacto com as mesmas, principalmente tendo em conta que vários estudos demonstram que o consumo é mais impactante em jovens que iniciam o consumo mais cedo tornando-os mais propensos a cometer crimes principalmente não violentos e relacionados com substâncias (e.g. Kopak, Vartanian, Hoffmann, & Hunt, 2014; Bolger, 2018).

Tendo em conta que os resultados sugerem que para além do consumo ser preditor da delinquência, mas também as representações o são e que podem ser preditores independentes, sugere-se que estudos futuros sejam realizados com análises de moderação/mediação que neste estudo, por constrangimentos metodológicos (nomeadamente, pelo tipo de variáveis usadas) não foi possível.

Igualmente, uma vez que as dimensões das representações sociais são fortes predictoras do comportamento, pode-se deduzir que estas deverão, então, ser tidas em consideração no momento da intervenção. Uma dessas dimensões que foi estudada foi a informação e, uma vez que a informação é algo dinâmico e, na sua maioria, de livre acesso, este facto torna-se especialmente pertinente para aplicar em programas de prevenção do uso de substâncias com estes jovens, podendo a informação servir para alterar as suas crenças e atitudes, e, conseqüentemente, o seu comportamento.

Relativamente às crenças e à obtenção de resultados contraditórios ao longo das diversas análises realizadas no presente estudo, estes podem ser justificados pelo tipo de análise retrospectiva, que se assume no presente estudo como uma limitação, ou seja, os jovens delinquentes podem já ter tido crenças positivas, mas visto serem alvo de várias intervenções ao nível da prevenção da recaída e de prevenção de consumos, podem ter alterado essas mesmas crenças que os poderão ter levado à delinquência. O facto de não se ter controlado o potencial impacto da intervenção a que os jovens do CE estão sujeitos, é uma limitação do presente estudo.

Vale ainda destacar que na esfera dos consumos, desde o álcool a todas as substâncias ilícitas, o consumo de canábis é o fator de risco que mais se destaca como

preditor da delinquência. Apesar da relação droga-crime, como demonstram os estudos de Agra e Colaboradores não ser uma relação simples mas é sim um fenômeno que ocorre devido a uma pluralidade de elementos (Agra, 2008 cit. Silva, 2012), os resultados do presente estudo demonstram que o consumo de canábis é um fator preponderante na previsão da delinquência e que deverá ser tido em conta tanto na prevenção como na intervenção com jovens.

Sugere-se, assim, para além de estudo futuros serem realizados com jovens delinquentes não internados, que seja utilizada uma metodologia de cariz longitudinal que permita estudar uma sequência de eventos quer ao nível do estudo do impacto da intervenção a que os jovens são alvo na justiça, quer ao nível das suas crenças prévias sobre as substâncias.

Por fim, apesar das limitações referidas, cumpriu-se objetivo de ampliar o conhecimento sobre os hábitos de consumo de substâncias por parte dos adolescentes, as representações sociais destes face às mesmas e a análise de possíveis diferenças entre jovens delinquentes e não delinquentes.

Conclui-se, deste modo, que o presente estudo revela conhecimentos que poderão ser pertinentes para todos os profissionais que intervêm junto da população jovem e da população jovem delinvente, auxiliando na aplicação de estratégias de intervenção e prevenção mais particularizadas, tornando-as assim mais eficazes e deste modo continuar a procurar uma resolução para o problema do abuso de substâncias, da delinquência e de tudo o que ambas comportam quer a nível individual como social.

## Bibliografia

- Abric, J. (2001). L'approche structurale des représentations sociales: développements récents. *Psychologie et Société*, 4, 81–106.
- Andrews, D. A., & Bonta, J. (2017). *The psychology of criminal conduct*. (6th edition). New York, NY: Anderson Pub. Co.
- Assink, M., Van der Put, C. E., Hoeve, M., Vries, S., Stams, G., & Oort, F. (2015). Risk factors for persistent delinquent behavior among juveniles: A meta-analytic review. *Clinical Psychology Review*, 42, 47–61. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2015.08.002>
- Barnes, G. M., Welte, J. W., & Hoffman, J. H. (2002). Relationship of alcohol use to delinquency and illicit drug use in adolescents: Gender, age, and racial/ethnic differences. *Journal of Drug Issues*, 32, 153–178, <http://dx.doi.org/10.1177/002204260203200107>.
- Bennett, T., Holloway, K., & Farrington, D. (2008). The statistical association between drug misuse and crime: A meta-analysis. *Aggression and Violent Behavior*, 13, 107–118. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2008.02.001>
- Bergman, M. M. (1998). Social representations as mother of all behavioural predispositions? Notes on the relations between social representations, attitudes and values. *Papers on Social Representations*, 7(1–2), 77–83.
- Blevins, C. E., Marsh, E., Banes, K. E., Robert, S., Walker, D. D., & Roffman, R. A. (2018). The Implications of Cannabis Policy Changes in Washington on Adolescent Perception of Risk , Norms , Attitudes , and Substance Use. *Substance Abuse: Research and Treatment*, 12, 1–6. <https://doi.org/10.1177/1178221818815491>
- Bolger, M. A. (2018). Predicting arrest probability across time: An exploration of competing risk perspectives. *Journal of Criminal Justice*, (March 2017), 0–1. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2018.05.008>
- Brook, D. W., Brook, J. S., Rubenstone, E., Zhang, C., & Saar, N. S. (2011). Developmental Associations Between Externalizing Behaviors, Peer Delinquency, Drug Use, Perceived Neighborhood Crime, and Violent Behavior in Urban Communities. *Aggressive Behavior*, 37(5), 349–361. <https://doi.org/10.1002/ab.20397>
- Brownstein, H. H. (2016). *The Handbook of Drugs and Society*. (H. H. Brownstein, Ed.) (First Edit). John Wiley & Sons, Inc.
- Brumback, T., Castro, N., Jacobus, J., & Tapert, S. (2017). Effects of Marijuana Use on

- Brain Structure and Function: Neuroimaging Findings from a Neurodevelopmental Perspective. *International Review of Neurobiology*, 129, 33–65. <https://doi.org/10.1016/bs.irm.2016.06.004>.
- Doherty, E. E., Green, K. M., & Ensminger, M. E. (2008). Investigating the long-term influence of adolescent delinquency on drug use initiation. *Drug and Alcohol Dependence*, 93, 72–84. <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2007.08.018>
- Carliner, H., Brown, Q. L., Sarvet, A. L., & Deborah, S. (2017). Cannabis use, attitudes, and legal status in the U.S.: A review. *Preventive Medicine*. <https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2017.07.008>
- Carvalho, A. C. (2003). Representações Sociais do Consumo de Álcool e Drogas em Adolescentes.
- Cerdá, M., Wall, M., Feng, T., Keyes, K. M., Sarvet, A., Schulenberg, J., Hasin, D. S. (2017). Association of state recreational marijuana laws with adolescent marijuana use. *JAMA Pediatrics*, 171(2), 142–149. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2016.3624>
- Chadi, N., & Scott, E. H. (2018). Adolescents and Perceived Riskiness of Marijuana : Why Care? *Journal of Adolescent Health*, 63(4), 377–378. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2018.07.023>
- Champagne, J., Gardner, B., & Dommett, E. J. (2019). Trends in Neuroscience and Education Modelling predictors of UK undergraduates ' attitudes towards smart drugs. *Trends in Neuroscience and Education*, 14(February), 33–39. <https://doi.org/10.1016/j.tine.2019.02.001>
- Dany, L., & Apostolidis, T. (2002). L'étude des Représentations Sociales de la Drogue et du Cannabis: Un Enjeu Pour la Prévention. *Santé Publique*, 14, 335–344.
- Fergusson, D.M., Boden, J.M., Horwood, L.J., 2008. The developmental antecedents of illicit drug use: evidence from a 25-year longitudinal study. *Drug Alcohol Depend.* 96, 165–177.
- Fisher, S., Zapolski, T., Al-uqdah, S., Stevens-, D., Arsenault, C., & Barnes-najor, J. (2018). Person-Environment Fit , Substance Use Attitudes, and Early Adolescent Substance Use. *Substance Use & Misuse*, 1–11. <https://doi.org/10.1080/10826084.2018.1531426>
- Formiga, N., Duarte, V., Neves, S., Machado, M., & Machado, F. (2015). Escala de Condutas Antissociais e Delitivas: Estrutura Fatorial da Versão Portuguesa.

- Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(4), 718–727. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528409>
- Galand, C., & Salès-Wuillemin, É. (2009). La représentation des Drogues Chez les Étudiants en Psychologie : Effets des Pratiques de Consommation et Influence de L’entourage. *Les Cahiers Internationaux de Psychologie*, 84, 125–152.
- Guimarães, J. V. da C. (2012). *Autoconceito, Autoestima e Comportamentos Desviantes em Adolescentes*. ISPA - Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.
- Hammersley, R., Forsyth, A., Morrison, V., & Davies, J. B. (1989). The Relationship Between Crime and Opioid Use. *British Journal of Addiction*, 84, 1029–1043.
- Hawkins, J. D., Catalano, R. E., & Miller, J. Y. (1992). Risk and Protective Factors for Alcohol and Other Drug Problems in Adolescence and Early Adulthood : Implications for Substance Abuse Prevention. *Psychological Bulletin*, 112(1).
- Jennings, W. G., Piquero, A. R., Farrington, D. P., Ttofí, M. M., Crago, R. V., & Theobald, D. (2016). The Intersections of Drug Use Continuity With Nonviolent Offending and Involvement in Violence Over the Life Course : Findings From the Cambridge Study in Delinquent Development. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 14(2), 95–109. <https://doi.org/10.1177/1541204014559524>
- Johnston, L. D., O’Malley, P. M., Bachman, J. G., & Schulenberg, J. E. (2011). *Monitoring The Future. National Results on Adolescent Drug Use*.
- Kopak, A. M., Vartanian, L., Hoffmann, N. G., & Hunt, D. E. (2014). The Connections Between Substance Dependence, Offense Type, and Offense Severity. *Journal of Drug Issues* 2014, 44(3), 291–307. <https://doi.org/10.1177/0022042613511439>
- Kuhns, J. B., Exum, M. L., Clodfelter, T. A., & Bottia, M. C. (2014). The Prevalence of Alcohol-Involved Homicide Offending: A Meta-Analytic Review. *Homicide Studies*, 18(3), 251–270. <https://doi.org/10.1177/1088767913493629>
- Lei n.º 30/2000, de 29 de novembro - Regime jurídico do consumo de estupefacientes. Diário da República, 1.ª série – A. N.º 276 (29/11/2000), 6829-6832. Recuperado de: <https://dre.pt/application/file/599641>.
- Lisha, N. E., & Sussman, S. (2010). Relationship of high school and college sports participation with alcohol, tobacco, and illicit drug use: A review. *Addictive Behaviors*, 35(5), 399–407. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2009.12.032>
- Lynskey, M., & Hall, W. (2000). The effects of adolescent cannabis use on educational attainment : a review. *Addiction*, 95(April), 1621–1630.

- <https://doi.org/10.1080/09652140020000867>
- Loeber, M. S., Wei, E., & Loeber, R. (2004). Desistance from persistent serious delinquency in the transition to adulthood. *Development and Psychopathology* 16, 16, 897–918.
- Maio, R. F., Shope, J. T., Blow, F. C., Copeland, L. A., Gregor, M. A., Brockmann, L. M., Metrou, M. E. (2000). A dolescent Injury in the Emergency Department : Opportunity for Alcohol Interventions ?, (MARCH), 252–257. <https://doi.org/10.1067/mem.2000.104300>
- Meier, M. H., Caspi, A., Ambler, A., Harrington, H., Houts, R., Keefe, R. S. E., Moffitt, T. E. (2012). Persistent cannabis users show neuropsychological decline from childhood to midlife. <https://doi.org/10.1073/pnas.1206820109>
- Monaco, G. Lo, & Guimelli, C. (2008). Représentations sociales, pratique de consommation et niveau de connaissance : le cas du vin. *Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, 78, 35–50.
- Murray, R. M., Morrison, P. D., Henquet, C., & Forti, M. Di. (2007). Cannabis, the mind and society: the hash realities, 8(november).
- Neto, M. (2016). *A descriminalização do consumo de droga em Portugal - quinze anos depois*. (Master's thesis, Faculdade de Direito: Universidade Nova de Lisboa). Retrieved from <https://run.unl.pt/bitstream/10362/20345/1/A%20descriminaliza%C3%A7%C3%A3o%20do%20consumo%20de%20droga%20em%20Portugal%20-%20quinze%20anos%20depois%2C%20por%20Mafalda%20Neto.pdf>
- Nucci, L., Guerra, N., & Lee, J. (1991). Adolescent Judgments of the Personal, Prudential, and Normative Aspects of Drug Usage. *Developmental Psychology*, 27(5), 841–848. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.27.5.841>
- Olver, M. E., Stockdale, K. C., & Womiith, J. S. (2014). Thirty Years of Research on the Level of Service Scales : A Meta-Analytic Examination of Predictive Accuracy and Sources of Variability. *Psychological Assessment*, 26(1), 156–176.
- Peña, M. E., Andreu, J. M., & Graña, J. L. (2009). Multivariate model of antisocial behavior and substance use in spanish adolescents. *Journal of Child and Adolescent Substance Abuse*, 18(2), 207–220. <https://doi.org/10.1080/10678280902724259>
- Rocha, B. R. (2011). Consumo de Substâncias Psicoativas e Atitudes em Jovens do 3º Ciclo da Escola do Cerco: Implicações para a Prevenção. *Journal of Strategic*

- Studies*, 34(2), 281–293. <https://doi.org/10.1080/01402390.2011.569130>
- Rouquette, M. I. (1998). Representações e práticas sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira (Eds.). *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 39-46). Goiânia: AB.
- Sacco, P., Bright, C. L., Jun, H.-J., & Stapleton, L. M. (2016). Developmental Relations Between Alcohol and Aggressive Behavior Among Adolescents: Neighborhood and Sociodemographic Correlates, *13*(5), 603–617. <https://doi.org/10.1007/s11469-015-9546-1>. Developmental
- Sanchez, Z. M., Oliveira, L. G., Ribeiro, L. A., & Nappo, S. A. (2010). O papel da informação como medida preventiva ao uso de drogas entre jovens em situação de risco. *Centro de Informações sobre Saúde e Álcool*, *15*(3), 699–708.
- Seddon, T. (2000). Explaining the Drug – Crime Link: Theoretical, Policy and Research Issues. *J. Soc. Policy*, *29*(1), 95–107.
- SICAD (2015). Inquérito sobre comportamentos aditivos em jovens internados em centros educativos. Consultado em: [http://www.sicad.pt/BK/EstatisticaInvestigacao/EstudosConcluidos/Lists/SICAD\\_ESTUDOS/Attachments/169/Relatorio\\_CE2015.pdf](http://www.sicad.pt/BK/EstatisticaInvestigacao/EstudosConcluidos/Lists/SICAD_ESTUDOS/Attachments/169/Relatorio_CE2015.pdf)
- SICAD (2017). Relatório Anual: A situação do país em matéria de drogas e toxicodependência. Consultado em: [http://www.sicad.pt/BK/Publicacoes/Lists/SICAD\\_PUBLICACOES/Attachments/145/Relat%C3%B3rioAnual%202017%20ASitua%C3%A7%C3%A3oDoPa%C3%ADsEmMat%C3%A9riaDeDrogasEToxicodepend%C3%A2ncias.pdf](http://www.sicad.pt/BK/Publicacoes/Lists/SICAD_PUBLICACOES/Attachments/145/Relat%C3%B3rioAnual%202017%20ASitua%C3%A7%C3%A3oDoPa%C3%ADsEmMat%C3%A9riaDeDrogasEToxicodepend%C3%A2ncias.pdf)
- Silva, T. J. C. (2012). *Trajectórias de usos de drogas e experiências de consumo problemático na juventude*.
- Wachelke, J., & Camargo, B. (2007). Representações Sociais, Representações Individuais e Comportamento. *Revista Interamericana de Psicologia*, *41*(3), 379–390.
- Wagner, W. (2003). People in Action and Social Representation: A Comment on Jaan Valsiner's (2003) "Theory of Enablement". *Papers on Social Representations*, *12*, 1–7.
- Zappe, J. (2010). *Adolescência, Ato Infracional E Processos de Identificação: Um Estudo de Caso com Adolescentes Privados de Liberdade*.
- Zara, G., & Gulotta, G. (2014). Evidence based research in juvenile delinquency. Em E. Jimenez, J. L. A. Robles, & S. Ross (Eds.), *Criminology and Forensic Psychology*

*Representações Sociais e o Consumo de Substâncias: Um Estudo Comparativo entre Jovens Delinquentes e Não Delinquentes*

(pp. 104–156). U.

## **Anexos**

## **Anexo A - Protocolo de investigação**

Antes de começares, por favor, lê isto:

Este questionário faz parte de um estudo sobre as representações sociais sobre o consumo de álcool e drogas em adolescentes.

O que te pedimos é que penses um pouco sobre cada questão e respondas com o máximo de rigor e objetividade.

O questionário é anónimo – em nenhuma parte terás o teu nome ou qualquer outra informação que permita identificar-te individualmente. Para que o anonimato das respostas possa ser garantido, não escrevas o teu nome em qualquer folha deste questionário. As respostas são voluntárias. Se considerares, por qualquer razão, que alguma pergunta não é adequada, deixe-a em branco.

Isto não é um teste. Não há respostas certas ou erradas. Por favor, segue as instruções de preenchimento das respostas e preenche o que considerares mais apropriado. Desde já agradecemos a tua participação.

**PODES COMEÇAR!**



## II Caracterização do consumo de outras drogas

5. Quantas vezes consumiste marijuana/haxixe/ganza/charros? (Assinala com um **X** apenas um quadrado em cada linha)

	0	1 ou 2	3 a 5	6 a 9	10 a 19	20 a 39	40 ou +
Ao longo da vida							
Últimos 12 meses							
Últimos 30 dias							

6. Quantas vezes usaste as seguintes drogas? (Assinala com um X apenas um quadrado em cada linha)

	0	1 ou 2	3 a 5	6 a 9	10 a 19	20 a 39	40 ou +
Cannabis (haxixe, erva...)							
Estimulantes, anfetaminas ou speeds (sem indicação médica)							
LSD, ácidos ou outros alucinogénios							
Crack							
Cocaína (branca, ...)							
Heroína (castanha, cavalo, ...)							
Cogumelos mágicos							
Esteroides anabolizantes							
Ecstasy (pastilhas, rodas, MDMA, ...)							
Inalantes (colas, solventes)							
Outras. Quais? _____							
_____							

7. Com que idade começaste a fazer as seguintes coisas? (Assinala com um X apenas um quadrado em cada linha)

**Idade em Anos**

	Nunca	11 ou menos	12	13	14	15	16	17 ou +
Beber cerveja (pelo menos um copo)								
Beber vinho (pelo menos um copo)								
Beber bebida destilada (pelo menos um copo)								
Fumar cigarros diariamente								
Experimentar estimulantes/anfetaminas								
Experimentar tranquilizantes ou sedativos								
Experimentar marijuana ou haxixe								
Experimentar LSD ou outros alucinogénios								
Experimentar crack								
Experimentar cocaína								
Experimentar heroína								
Experimentar ecstasy								
Cheirar demoradamente inalantes (cola, solventes, etc.) pelos seus efeitos								
Outras. Quais? _____								

8. Quantos amigos teus achas que... (Assinala uma cruz em cada linha)

	Nenhum	Poucos	Alguns	A maioria	Não sei
Bebem Bebidas alcoólicas					
Usam drogas					

“Escala de representações sociais do consumo de álcool e drogas em adolescentes”  
Carvalho & Leal (2006)

A seguir são apresentadas algumas afirmações sobre álcool e drogas. Pedimos-te que indiques, por favor, o grau em que discordas ou concordas com estas mesmas afirmações. Coloca um “X” por cada linha numa das colunas.

	<b>Discordo completamente</b>	<b>Discordo</b>	<b>Nem concordo nem discordo</b>	<b>Concordo</b>	<b>Concordo completamente</b>
01. O Haxixe é uma droga.					
02. A Heroína é uma droga.					
03. A Cocaína é uma droga.					
04. O LSD (trips) é uma droga.					
05. Os speeds são drogas.					
06. O uso de Heroína pode causar dependência física.					
07. O uso de Cocaína pode causar dependência física.					
08. O uso de LSD (trips) pode causar dependência física.					
09. O uso de speeds pode causar dependência física.					
10. O uso de Álcool pode causar dependência física.					
11. O uso de Haxixe pode causar dependência psíquica.					
12. O uso de Heroína pode causar dependência psíquica.					
13. O uso de Marijuana pode causar dependência psíquica.					
14. O uso de Cocaína pode causar dependência psíquica.					
15. O uso de LSD (trips) pode causar dependência psíquica.					
16. O uso de speeds pode causar dependência psíquica.					
17. Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me incentivassem a beber bebidas alcoólicas eu aceitaria.					
18. Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me incentivassem a beber bebidas alcoólicas eu acabaria por beber mais que o costume.					
19. Se no meu grupo de amigos quase todos beberem bebidas alcoólicas eu sinto-me «tentado» a beber mais vezes, porque o ambiente é propício.					

20. Se no meu grupo de amigos quase todos beberem bebidas alcoólicas eu acabarei por beber para não me sentir diferente e para me sentir melhor integrado no grupo.					
21. Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me oferecessem um charro de haxixe eu aceitaria.					
22. Se eu estivesse com os meus amigos numa festa e eles me incentivassem a fumar heroína eu aceitaria.					
23. Se no meu grupo de amigos se consumir drogas eu sinto-me 'tentado' a consumir mais vezes, porque o ambiente é propício.					
24. Se no meu grupo de amigos se consumir drogas eu provavelmente acabo por consumir para não me sentir diferente e para me sentir melhor integrado no grupo.					
25. Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem porque se sentem aborrecidos ou tristes.					
26. Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem para relaxar ou acalmar os nervos.					
27. Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo.					
28. Os jovens que bebem bebidas alcoólicas bebem para se sentirem mais adultos.					
29. Os jovens que consomem drogas fazem-no porque se sentem aborrecidos ou tristes.					
30. Os jovens que consomem drogas fazem-no para relaxar ou acalmar os nervos.					
31. Os jovens que consomem drogas fazem-no para se sentirem mais integrados e identificados com o seu grupo.					
32. Os jovens que consomem drogas fazem-no para fugir à realidade.					

# CLASSIFICAÇÃO SOCIAL INTERNACIONAL DE GRAFFAR

## IDENTIFICAÇÃO DOS PAIS

Idade do Pai \_\_\_\_\_ Idade da Mãe \_\_\_\_\_

Para preencher o questionário, escreva a resposta sempre que for pedida e coloque um [?] no [?] que achar adequado.

### 1. PROFISSÃO

*Profissão do Pai?* \_\_\_\_\_

*Profissão da Mãe?* \_\_\_\_\_

### 2. INSTRUÇÃO

*Habilitações académicas do Pai?* \_\_\_\_\_

*Habilitações académicas da Mãe?* \_\_\_\_\_

### 3. PRINCIPAL FONTE DE RENDIMENTOS FAMILIARES

- *Qual é a principal fonte de rendimentos?*

Fortuna herdada ou adquirida (Ex: Propriedades)

Altos vencimentos ou honorários (Ex: Lucros de empresas)

Vencimento mensal fixo (Ex: Funcionários)

Remuneração incerta (Ex: Remuneração semanal ou de horas de serviço)

Assistencial (Ex: Beneficência pública ou privada)

Outra. Qual? \_\_\_\_\_

### 4. TIPO DE HABITAÇÃO

- *De que tipo é a sua habitação?*

Casa ou andar luxuoso e muito grande, oferecendo o máximo de conforto

Casa ou andar que, sem ser luxuoso, é espaçoso e confortável

Casa ou andar modesto, bem construído, bem conservado, bem iluminado e arejado, com cozinha e casa de banho

Casa ou andar degradado, sem eletrodomésticos mas com cozinha e casa de banho.

Alojamento impróprio, andar ou barraca desprovido de conforto, ventilação e iluminação, ou onde moram demasiadas pessoas

Outro. Qual? \_\_\_\_\_

## 5. LOCAL DA RESIDÊNCIA

*Qual é o aspeto da zona onde habita?*

Bairro residencial elegante, onde o valor do terreno ou os alugueres são elevados (Ex: Bairro elegante)

Bairro residencial bom, de ruas largas com casas confortáveis e bem conservadas (Ex: Bom local)

Ruas comerciais ou estreitas e antigas com casas de aspeto geral menos confortável (Ex: Zonas antigas)

Bairro operário, populoso, mal arejado ou bairro em que o valor do terreno está diminuído como consequência da proximidade de fábricas (Ex: Bairro operário/social)

Bairro de lata

Outro. Qual? \_\_\_\_\_

## Escala de Condutas Antissociais e Delitivas: Versão Portuguesa de (Formiga, Duarte, Neves et. al., 2003)

INSTRUÇÕES. A seguir são apresentados alguns comportamentos que as pessoas podem apresentar no seu dia a dia. Pedimos-te que indiques, por favor, com que frequência os fazes. Anota, na escola de respostas, ao lado de cada frase, o número que melhor expressa a intensidade do teu comportamento.

<b>Nunca</b>	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	<b>Sempre</b>
--------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---------------

01. \_\_\_ Fazer brincadeiras com as pessoas, como empurrá-las para o chão ou tirar-lhes a cadeira quando se vão sentar.
02. \_\_\_ Sair sem permissão (do trabalho, de casa ou da escola).
03. \_\_\_ Andar, sem autorização, de bicicleta, de carro ou moto pertencente a um desconhecido para dar um passeio, com a única intenção de se divertir.
04. \_\_\_ Comer em locais proibidos (e.g., trabalho, escola, cinema, etc.).
05. \_\_\_ Desarrumar ou assobiar numa reunião, lugar público ou de trabalho.
06. \_\_\_ Roubar roupas de um estendal ou objetos dos bolsos de uma roupa deixada por alguém.
07. \_\_\_ Conseguir dinheiro ameaçando pessoas mais fracas.
08. \_\_\_ Destruir ou danificar coisas em lugares públicos.
09. \_\_\_ Responder mal a um superior ou autoridade (em casa, no trabalho, na escola ou na rua).
10. \_\_\_ Arrancar ou pisar flores/plantas em parques ou jardins.
11. \_\_\_ Incomodar pessoas desconhecidas ou fazer desordens em lugares públicos.
12. \_\_\_ Chegar de propósito mais tarde do que o permitido (e.g., casa, trabalho, compromisso)
13. \_\_\_ Gastar frequentemente no jogo mais dinheiro do que se pode.
14. \_\_\_ Transportar uma arma (faca ou canivete) caso considere necessário para uma briga.
15. \_\_\_ Dizer palavrões ou expressões grosseiras.
16. \_\_\_ Roubar coisas de grandes armazéns, supermercados, entre outros, estando abertos.
17. \_\_\_ Roubar objetos dos carros.
18. \_\_\_ Entrar em locais proibido (e.g., jardim privado, casa vazia, etc.).
19. \_\_\_ Entrar numa loja que está fechada, para roubar ou não.
20. \_\_\_ Resistir ou brigar para escapar da policia.
21. \_\_\_ Deitar lixo no chão (quando há perto um cesto de lixo).
22. \_\_\_ Entrar num apartamento ou casa e roubar algo (sem ter planeado antes).
23. \_\_\_ Planear entrar numa casa ou apartamento para roubar coisas de valor.
24. \_\_\_ Apanhar frutas num jardim ou pomar alheios.
25. \_\_\_ Usar sem autorização a bicicleta de um desconhecido e ficar com ela.
26. \_\_\_ Partir ou atirar para o chão as coisas dos outros.
27. \_\_\_ Roubar coisas ou dinheiro em máquinas de refrigerante, telefones públicos, entre outros.
28. \_\_\_ Chegar tarde ao trabalho, à escola ou a um compromisso.
29. \_\_\_ Negar-se a fazer as tarefas pedidas (no trabalho, na escola ou em casa).
30. \_\_\_ Brigar com os outros (com golpes, insultos ou palavras ofensivas).
31. \_\_\_ Roubar coisas de um lugar público (trabalho ou escola) num valor superior a 5€.

32. \_\_\_ Roubar materiais ou ferramentas de pessoas que estão a trabalhar.
33. \_\_\_ Usar drogas.
34. \_\_\_ Enganar (e.g., em provas, competição importante).
35. \_\_\_ Sujar as ruas ou passeios partindo garrafas ou derrubando caixotes de lixo.
36. \_\_\_ Entrar num bar proibido ou comprar bebidas proibidas.
37. \_\_\_ Tocar à campainha da casa de alguém e sair a correr.
38. \_\_\_ Riscar em lugares proibidos (e.g., paredes, mesas).
39. \_\_\_ Forçar a entrada em um armazéns, garagens, ou mercearias.
40. \_\_\_ Pertencer a uma turma que arma confusões e se mete em problemas.

**Caracterização sociodemográfica:**

1. Data de Nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_
2. Nacionalidade: \_\_\_\_\_
3. Religião: \_\_\_\_\_
3. Ano que frequentas: \_\_\_\_\_

Muito obrigada pela tua colaboração.

